



DRENAR

A FORÇA VOLUNTÁRIA
QUE ENFRETOU AS ENCHENTES NO SUL



DRENAR

**A FORÇA VOLUNTÁRIA
QUE ENFRETOU AS ENCHENTES NO SUL**



Expediente

Título: Projeto Drenar: A força voluntária que enfrentou as enchentes no Sul

Produção, edição e revisão: Legado Histórias de Vida

Projeto gráfico e diagramação: JamWork - Estúdio de Design

Fotos: Arquivo pessoal dos integrantes do projeto Drenar, durante as ações na enchente do RS, em 2024.

Foto de capa: Henrique Levien

Ano: 2025

www.historiasdevida.com.br



SUMÁRIO

A união.....	6
A enchente.....	10
Evitando o pior.....	16
Botando em prática.....	42
Os resultados.....	56
A capital.....	62
Impressões pessoais.....	84
Pós-enchente.....	92
Cronologia.....	96
Reconhecimentos.....	104
Empresas dos voluntários criadores do Projeto Drenar.....	108
Agradecimentos.....	114

1. A UNIÃO

O mês de maio de 2024 mudou o destino de milhares de famílias gaúchas.

Quem imaginava uma enchente tão devastadora?

Quem diria que os problemas provocados por ela seriam tão profundos e duradouros?

E quem consegue, hoje, reunir centenas de voluntários em uma semana e R\$50 milhões em doações em menos de 30 dias?

A enchente que marca a história recente do Rio Grande do Sul também mostra a força da solidariedade. Centenas de pessoas unidas pelo mesmo fim: combater alagamentos. Mais que isso: restaurar a esperança e a dignidade de milhares de famílias atingidas pela maior catástrofe climática da história do estado.

Na capital, Porto Alegre; em Pelotas, na região Sul do Estado; e em Novo Hamburgo, na região Metropolitana da Capital, um projeto criado em tempo recorde promoveu o encontro de boa vontade, estratégia e força.

Este livro reúne histórias contadas por voluntários do **Projeto Drenar**. O grupo, formado por agricultores, empresários, profissionais liberais, assalariados e servidores públicos, foi criado em maio de 2024, durante a maior enchente da história do Rio Grande do Sul.

A ação de seis empresários do setor arroseiro e de empresas de serviços do agro fez sucesso. Eles tomaram a frente do projeto e convocaram ajuda, que veio aos montes e de forma surpreendente. A entrega foi voluntária, verdadeira e total.

Todos contribuíram com insumos, serviços ou equipamentos para uma iniciativa até então desconhecida. Mais que isso: doaram tempo ao outro, também desconhecido. O resultado não poderia ter sido outro: a superação.

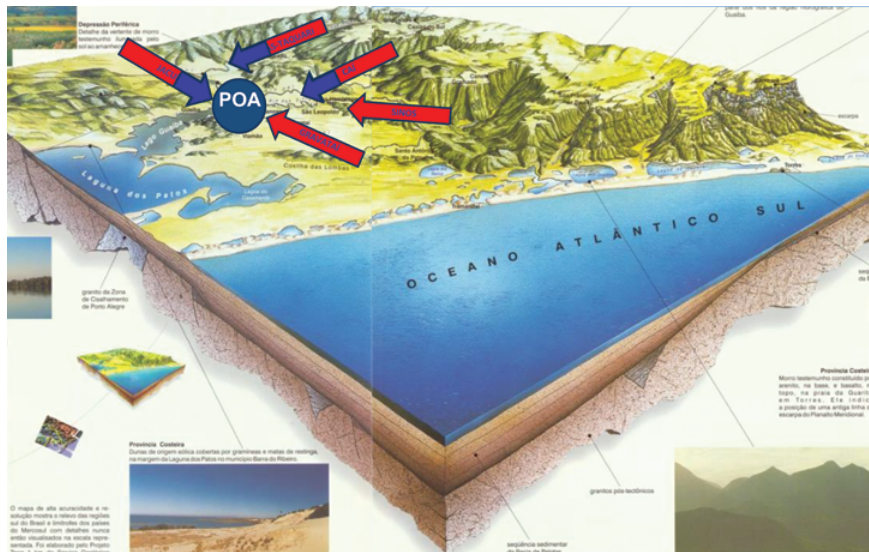
Aconteceu! E essa história merece ser contada e lembrada por muitos anos.

2. A ENCHENTE

A enchente de maio de 2024 — a maior da história do Rio Grande do Sul — provocou estragos em quase todos os 497 municípios gaúchos. A chuva volumosa começou no dia 27 de abril em municípios da Serra Gaúcha e Região dos Vales do Taquari e do Rio Pardo e seguiu por três semanas, quase de forma ininterrupta. Em muitas cidades, choveu de quatro a cinco vezes mais que o esperado para o período. Em casos pontuais, o acumulado foi ainda mais alarmante.

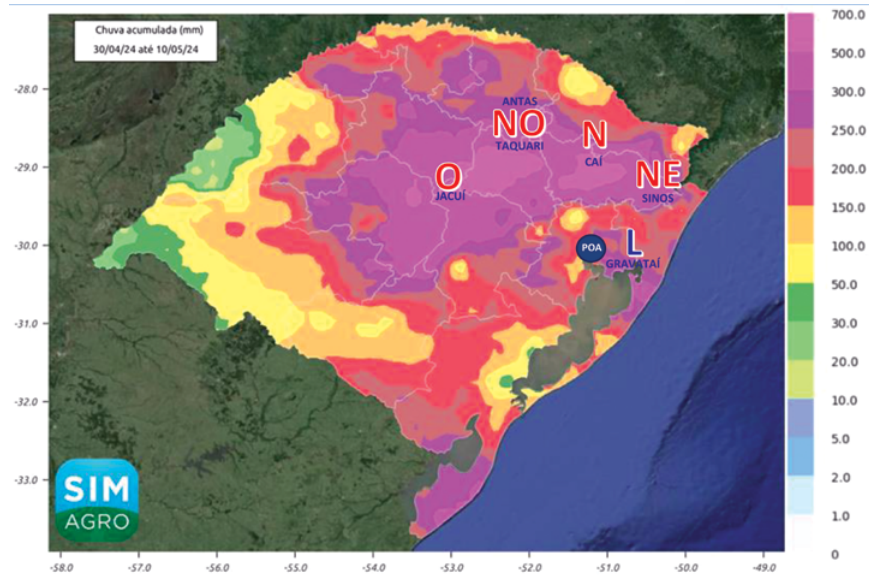
Foi o caso de Caxias do Sul, município mais populoso da Serra Gaúcha. Entre os dias 27 de abril e 31 de maio, a estação convencional da cidade registrou 1.023 mm de chuva. Desse total, foram 845,3 mm somente em maio. A média histórica de chuva para o mês no município é de 131,4 mm.

A informação é importante para entender o tamanho das cheias e a sobrecarga do sistema hídrico. A água da Serra desceu para outras regiões do Estado. Logo, as bacias dos rios Taquari, Caí, Pardo, Sinos e Gravataí transbordaram, e a água invadiu vários municípios. Essas bacias são interligadas. Rapidamente, o volume de água sem precedentes chegou ao Rio Jacuí e ao Guaíba, em Porto Alegre. Uma semana depois, à Lagoa dos Patos, que banha municípios da região Sul do Rio Grande do Sul, como Pelotas, Rio Grande e São Lourenço do Sul.



Atlas Ambiental de Porto Alegre - Sistemas hidrográficos

Imagens da apresentação "Evento Climático Extremo no RS", de Adilson Luis Bamberg.



Chuva Acumulada 30/04 a 10/05/24

O volume de chuva, extraordinariamente alto, provocou estragos de magnitude ímpar. Milhares de ruas ficaram alagadas, estradas foram destruídas pela força da água, famílias inteiras tiveram as casas onde viviam alagadas e foram forçadas a sair. Escolas, hospitais e unidades de saúde foram devastados. Medicamentos foram levados pela água e móveis foram destruídos. 183 pessoas morreram na tragédia. Em todos os cantos, pairava o espanto, a perplexidade.

Empresas de todos os setores foram atingidas e tiveram danos parciais ou perda total. Na zona rural, lavouras foram arrasadas. Pelo menos 3,7 mil criadores perderam animais. A maior quantidade foi de aves, com 1,1 milhão de mortes registradas. Houve ainda perdas de bovinos de corte e de leite, suínos, peixes e abelhas. Cerca de 15 mil cães e gatos foram resgatados na enchente.

Com as casas alagadas, milhares de pessoas foram resgatadas em barcos da Defesa Civil, bombeiros e voluntários. O caos foi rapidamente instalado. Abrigos provisórios foram montados às pressas. Equipes se reuniram para resgatar animais domésticos que ficaram para trás. A segurança precisou ser reforçada nas ruas para evitar saques nas casas parcialmente alagadas, onde moradores tinham abandonado os móveis e eletrodomésticos conquistados ao longo de uma vida inteira de luta.

O aeroporto de Porto Alegre (o maior do estado) ficou alagado e incapaz de operar. Nas salas de espera e circulação e na pista de pousos e decolagens, só seria possível passar de barco. No dia 3 de maio, todos os voos foram suspensos.

A alternativa para voos comerciais passou a ser a Base Aérea de Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Em Porto Alegre, o nível do Lago Guaíba atingiu a marca recorde de 5,37 metros no dia 5 de maio de 2024 no Cais Mauá. A estimativa é do Serviço Geológico do Brasil. Até então, a maior enchente da história da capital gaúcha havia sido em maio de 1941, quando o Guaíba chegou a 4,76 metros.

No Vale do Taquari, o Rio Taquari chegou a 33m35cm, o maior nível da história em Lajeado e Estrela. A marca histórica foi registrada no dia 2 de maio. A cheia de 2024 superou a de setembro de 2023, quando o Taquari chegou a 29m53cm; e também a de 1941, com 29m92cm. Na região, casas que ficam perto do rio começam a ser atingidas quando o nível alcança 19m8cm.

Em Pelotas, a Lagoa dos Patos atingiu a marca de 2m78cm no dia 16 de maio. Já o Canal São Gonçalo, que liga a Lagoa Mirim à Lagoa dos Patos, chegou a marca de 3m12cm no dia 27 de maio. Com isso, superou a cheia de 1941, quando atingiu 2m88cm.

Enchente de maio de 2024 no Rio Grande do Sul	
Municípios afetados	478
População afetada	2.398.255
Feridos	806
Desaparecidos	27
Óbitos confirmados	183

Fonte: Governo do Estado do RS

O desastre também foi gigantesco para os negócios. Estimativa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) divulgada no final de julho de 2024, já apontava o impacto negativo provocado pela enchente: perdas de cerca de R\$ 97 bilhões na economia brasileira (R\$ 58 bilhões no próprio RS e R\$ 38,9 bilhões em outras unidades da federação).

Somente em maio, o Rio Grande do Sul fechou 21.993 postos de emprego com carteira assinada. Os dados são do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). Todas as atividades econômicas tiveram saldo negativo no mês. Ou seja, demitiram mais do que contrataram.

Geração de empregos no RS - Maio de 2024	
Agropecuária	-4.332
Indústria	-6.580
Construção	-1.488
Comércio	-5.411
Serviços	-4.182
Saldo	-21.993

Fonte: Caged

3. EVITANDO O PIOR

Em Pelotas, cidade mais populosa da região Sul do Estado, a enchente começou nos primeiros dias de maio. A situação crítica vivida em outros municípios gaúchos nos dias anteriores deu o alerta: era preciso prevenir para evitar o pior. Mas o tempo era curto. Com as bacias hidrográficas interligadas, a água da enchente chegaria rapidamente à cidade.

Foi em uma madrugada do início de maio que **Lauro Soares Ribeiro, diretor da empresa Agropecuária Canoa Mirim**, pensou que algo poderia ser feito para evitar um desastre em Pelotas. Ele relembra: “Eu acordei em Pelotas, às 4h, para ir para a Canoa Mirim, em Santa Vitória do Palmar, e vi que já tinha chovido 150 mm. Esperei até as 7h e liguei para o Márcio Silveira (diretor da empresa). Ele me disse que estava uma chuvarada e que não valeria a pena eu ir até lá. Ele ainda sugeriu dar uma olhada nas casas de bombas, visto que tinha tido uma conversa com o Paulo Duarte (funcionário da Fundação Estadual de Proteção Ambiental) e que a experiência dos produtores de arroz poderia ajudar a cidade de alguma forma, mas não sabia bem como”.

A questão não era “se” a enchente atingiria a cidade, mas “quando”. “Nós já tínhamos visto que estava tudo debaixo d’água em Porto Alegre. Como a água começou a entrar dentro das casas de bombas, o uso foi inviabilizado, pois a água chegou nos motores, chaves e transformadores.

Eu disse: ‘nós temos que conseguir bomba flutuante, porque, se der problema, como deu lá, nós estaremos prontos para — pelo menos — tirar de forma rápida essa água. Então vamos nos preparar para isso’. E começamos a mandar mensagens para alguns grupos conhecidos”, lembra Lauro.

O apoio de arroseiros era fundamental para o trabalho de drenagem. Deveria chegar em forma de materiais e mão de obra. O pedido de ajuda foi enviado em mensagens de celular, em grupos criados no WhatsApp.

Bom dia, pessoal, estou realizando o levantamento de bombas de irrigação flutuante que pode nos ajudar numa possível situação de alagamento da cidade de Pelotas. Saliento que estamos trabalhando de modo preventivo, porém, como nós, arroseiros, temos esse forte compromisso social com a região e temos estes equipamentos à disposição, estamos nos organizando para auxiliar, caso tenhamos problemas de energia elétrica ou extravasamento dos diques de contenção.

Portanto, peço que, quem tiver disponibilidade de bombas flutuantes, me passe a potência, se tem como movimentar ou onde está localizado. Em paralelo, estamos buscando conjuntos de geradores para as motobombas.

Quem puder ajudar, por favor, me informe para que centralizemos esta informação.

Desde já, agradeço.

Essa mensagem começou a ser organizada para ser enviada em 6 de maio. Prontamente, produtores rurais começaram a enviar máquinas e equipamentos em forma de empréstimo. Os primeiros foram Dilnei Sander Portantiolo, o *Fanta* (Arrozeira Pelotas), Giancarlo Fagundes do Santos Silva (Puro Grão) e Fernando Rechsteiner (produtor rural e membro de entidades setoriais do agronegócio).

Guilherme Gadret da Silva, diretor da Expoente Agronegócios, também está na lista dos primeiros doadores. Logo, se tornaria fundamental para o andamento do projeto.

No mesmo dia, chegou a primeira bomba, emprestada pela Agropecuária Canoa Mirim, de propriedade do próprio Lauro. Logo, o grupo (ainda enxuto) começou a correr atrás de geradores, que estavam escassos no mercado, já que centenas estavam sendo usados na região metropolitana de Porto Alegre.

Lauro seguia atrás de apoio. Ligou para **Antioniony Winkler, proprietário da WR Assessoria Agrícola**. “Ele é uma das pessoas que mais entende de drenagem e irrigação da nossa região. É reconhecido aqui, no Paraguai, Uruguai, Argentina... Então, é alguém que sabe tudo dessa parte de drenagem e bombeamento”, explica.

Logo, acionaram **Fabrizio Iribarrem, sócio-fundador do Grupo Energia do Brasil (Gabras)**. Lauro recorda: “Antioniony começou a pensar em quais bombas nos ajudariam. Falei com o Fabrício para nos indicar potências dos geradores e o que precisaríamos. O Fabrício começou a disparar mensagens pedindo apoio”.

Arrozeiros mobilizando bombas balsas para os diques de Pelotas, para combater extravasamentos e alagamentos junto aos sistemas de drenagem do Sanep.

Todavia, e ainda que já sabido há algum tempo, nesses eventos, é comum o corte de energia da distribuidora.

Logo, os sistemas não funcionariam.

*Assim, **PRECISAMOS MOBILIZAR GERADORES DE ENERGIA A DIESEL!***

Peço apoio aos amigos de Pelotas e região.

Seria bom ter um cadastro de quais indústrias teriam gerador em Pelotas, pois não se encontra mais para locação no Estado.

Indiquem, por favor:

Nome e endereço da indústria

Potência

Tensão (380V Tri ou 220V Tri)

Carenado ou não

Se poderiam ou não colocar a disposição para uso emergencial da Prefeitura

Tantos quantos a indústria tiver

De antemão, agradeço.



Fabício, Lauro, Antony e Guilherme, 4 dos fundadores do Drenar RS, em evento do agronegócio no Paraguai em 2024, quando apresentaram o projeto ao público.

Para ajudar na drenagem, era fundamental entender melhor o funcionamento do sistema de diques e das casas de bombas da cidade. A equipe fez contato com a Prefeitura e o Sanep (Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas). Lauro lembra da primeira visita feita a um dos pontos principais do sistema de prevenção a cheias. “Antoniony e eu fomos olhar a Casa de Bombas Leste. Ela estava com 50% da capacidade em operação e logo vimos que, se a água passasse pelos diques, os transformadores, motores e chaves, ficariam debaixo d’água, e a casa de bombas ficaria 100% inoperante”.

Eles tinham boa vontade (e bastante pró-atividade), mas pouco conhecimento sobre os sistemas de defesa contra cheias mantidos pelo Poder Público. Logo, começaram a discutir a possibilidade de usar bombas flutuantes e geradores no serviço de drenagem. A enchente em outras cidades mostrava que redes de energia, que movimentavam sistemas de bombeamento, precisavam ser desligadas para evitar curto-circuitos. Em situações como essa, bombas flutuantes são vantajosas, principalmente porque não submergem. “Na volta, paramos para falar com a prefeita que estava olhando o reforço do dique e nos colocamos à disposição para ajudar com bombas flutuantes e no que fosse preciso. Ela prontamente nos agradeceu e disse que toda ajuda era bem-vinda. Mas ela não imaginou, nem de perto, o que estava por vir”, conta Lauro.



Voluntários mobilizaram empresas para dar apoio ao projeto

Na semana anterior, Antoniony tinha viajado com amigos a Guaíba, município da região Metropolitana de Porto Alegre também atingido por enchentes, para dar apoio a famílias desalojadas e desabrigadas. Ele conta que a experiência em uma área já devastada pelas águas o fez entender que era urgente prevenir problema igual em Pelotas. “Quando chegou essa onda de cheia em Porto Alegre, em Guaíba, e, pelo histórico e pelas modelagens hidrológicas que começaram a ser rodadas durante aquela semana, a gente sabia que a água ia levar de oito a 10 dias para chegar em pelotas e esse seria o nosso tempo de reação para montar os sistemas e colocar a casa em ordem para esperar essa água já com o sistema mais robusto”, afirma. A ideia de prevenção era um pilar forte do grupo.

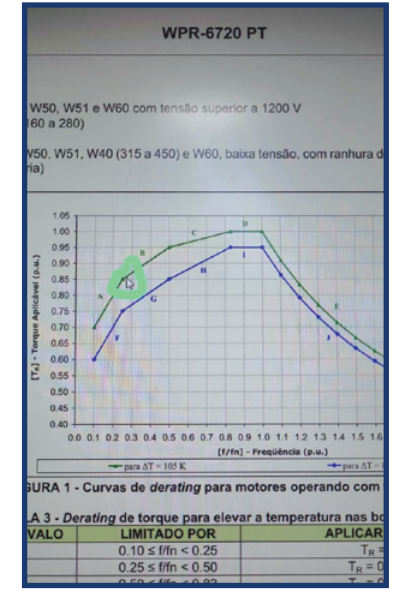
No dia 7, mais oito bombas flutuantes chegaram para os trabalhos. Algumas trazidas pelos próprios produtores rurais que emprestaram os equipamentos. Outras transportadas em caminhões munck, que também foram emprestados por empresários da região.

Lauro lembra esse momento de mobilização conjunta: “Tinha gente que ligava, e essas pessoas ligavam para outras, e assim ia. Teve uma receptividade gigante. Todo mundo querendo ajudar, mesmo sem saber como”.

A meta era clara: drenar a cidade de Pelotas — em caso de colapso — em até sete dias. A chuva que provocava estragos em vários municípios gaúchos já tinha chegado volumosa também à região Sul. No dia 8 de maio, já havia chovido mais de 400 mm em algumas localidades de Pelotas em menos de uma semana.

Antoniony tomou para si a tarefa de cuidar a parte hidráulica: “Eu fiquei com os números: estimativa de vazão de bombas e capacidade de bombeamento. Conforme aumentava a capacidade de bombeamento, eu já ia atualizando as simulações da quantidade de água que nós conseguiríamos tirar em determinado tempo”, afirma.

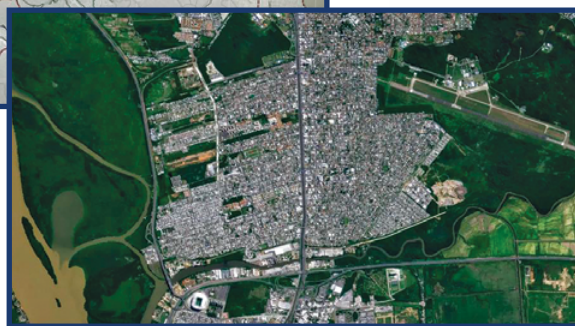
O trabalho envolvia números, cálculos, mapas, gráficos e tabelas.



Voluntários do Projeto Drenar RS montaram relatórios para acompanhar o sobe e desce da água. Com mapas, mostraram o quanto a enchente poderia avançar na cidade de Pelotas



No mapa superior, mancha escura mostra área alagada em Porto Alegre



Mapas coloridos mostram a cidade de Canoas antes e depois da enchente de maio de 2024



Tudo para fazer modelos hidrológicos com volume de água, quantidade de bombas e tempo. O mesmo padrão de ação viria a ser adotado pelo grupo, dias depois, em Porto Alegre, Novo Hamburgo e São Leopoldo.

Desde o início, em Pelotas, Antony e **Henrique Levien, diretor da InfoSafras Sistemas Agrícolas**, falavam o tempo todo sobre a necessidade de entender melhor as informações disponíveis sobre o sistema de proteção, o que era fundamental para o avanço do projeto.

Esse estudo envolveu, por exemplo, os mapas planialtimétricos, um documento, chamado de Modelo Digital do Terreno (MDT), que aponta as medidas planas, ângulos e diferenças de nível do terreno. O plano ajuda a visualizar pontos de possíveis alagamentos. “O ponto da cidade que levamos ao Exército, em uma reunião, e, apontando como vulnerável, era considerado ‘alto’ pelo Sanep, mas, na verdade, tratava-se de uma ilusão causada pelas árvores representadas nos mapas. Esse detalhe só foi esclarecido com o aprofundamento técnico, mostrando o quanto o acesso a dados confiáveis e bem interpretados foi crucial”, destaca Lauro.

Também era fundamental entender de forma técnica os fluxos d’água na região. O apoio da Agência da Lagoa Mirim, liderada pelo professor Gilberto Colares, foi essencial. Colares forneceu dados sobre o comportamento das águas na Lagoa dos Patos, Lagoa Mirim e no Canal São Gonçalo, que eram áreas diretamente afetadas pela enchente.

Colares ajudou a entender os níveis, vazões, marés,

ventos e fluxos, bem como as condições na foz da Lagoa dos Patos, em Rio Grande. Além disso, explicou como fatores externos, como vento e mudanças nas vazões, influenciavam diretamente os sistemas interligados. As informações foram fundamentais para a tomada de decisões estratégicas e antecipação de medidas para proteger a cidade de Pelotas.

Com essa colaboração, foi possível planejar melhor a instalação das bombas e direcionar esforços para os pontos mais vulneráveis. O suporte técnico reafirmou a importância de parcerias entre especialistas e voluntários, mostrando como a integração de conhecimento e ação pode salvar vidas e minimizar danos.

Depois de muitos cálculos e da coleta de equipamentos, a primeira iniciativa do grupo foi criar uma casa de bombas emergencial. O local escolhido para a instalação foi a Estrada do Engenho, às margens do Canal São Gonçalo. O alagamento severo na região poderia atingir cerca de 100 mil pessoas.

A quantidade de bombas que chegavam de empréstimos impressionava! Número muito acima do esperado. “Se eu for devolver todos os favores que pedi...”, reflete Guilherme. “Às vezes, eu me apavorava de ligar para o pessoal. Dizia: ‘preciso de um caminhão em tal lugar. Ligava para o outro, preciso de um caminhão em tal lugar’. E as pessoas foram ajudar”.

Energia para alimentar as bombas era um desafio. Os voluntários decidiram instalar uma subestação no local, para garantir energia para as bombas. Fabrício conversou com a CEEE Equatorial, concessionária responsável pelo serviço de energia elétrica na região. Pediu um ponto de rebaixamento

emergencial para ligar as bombas. E assim foi feito. “A CEEE buscou alinhamento com a prefeitura, o que demorou um pouco. Quase tive que colocar a conta no meu nome, mas no final foi resolvido”.



Imagens aéreas mostram áreas alagadas às margens do Canal São Gonçalo e da Estrada do Engenho, em Pelotas





Bombas flutuantes dependiam de geradores para funcionar



O primeiro transformador foi instalado em menos de 24 horas. O equipamento era grande, potente (700kVA) e pesado. Os três postes, instalados para dar sustentação, quase não suportaram. “Tudo feito de última hora, não deu tempo de assentar, o concreto não secou bem”, diz Guilherme.

O primeiro transformador foi substituído por outros dois menores (de 500 e 300 kVA). Era uma subestação emergencial, potente o bastante para ligar muitos equipamentos elétricos. Guilherme conta que tudo foi feito “por meio de contatos, na agilidade, no conhecimento de cada um”.



Transformadores instalados na Estrada do Engenho para alimentar as bombas de drenagem

A cada pequena vitória, um novo desafio surgia. Agora, era preciso improvisar uma cobertura para guardar os materiais elétricos e eletrônicos. Cada bomba de drenagem tem uma mini central elétrica que funciona para ligar, desligar, regular potência, etc. Sendo um material de primeira necessidade naquele momento, era fundamental evitar exposição à chuva. Logo, o grupo conseguiu um contêiner, que também foi emprestado e montado no local. Todas as chaves de comando foram colocadas dentro.

Já os transformadores que alimentariam as bombas foram colocados sobre bancadas, para evitar que ficassem submersos, caso a área fosse atingida pela enchente.



Gerador foi colocado sobre contêineres para evitar que ficassem submersos, em caso de alagamento na região

Logo, começaram a chegar outras bombas. Uma delas, com seis metros de largura, empréstimo do empresário Gustavo Lara. Era tão grande que os voluntários pediram apoio da Polícia Rodoviária Federal e da Secretaria de Trânsito de Pelotas para colocar batedores na estrada e garantir o transporte com segurança até a Estrada do Engenho.



Sistema de bombas flutuantes instalado na Estrada do Engenho, em Pelotas

Houve um episódio curioso que ocorreu no momento em que a estrutura improvisada ganhava corpo e a força de mais voluntários. “A prefeita me ligou para saber o que eu estava fazendo. Ela disse que eu estava criando um caos para transportar bombas gigantes, que uma bomba já era suficiente (ela não sabia, mas já tínhamos nove). Obviamente não tínhamos pensado nos impactos colaterais”.

Segundo Lauro, nesse momento, as ações quase foram interrompidas por completo. “Enquanto trazíamos bombas de diversos lugares para reforçar o sistema de drenagem, recebi uma ligação da prefeita de Pelotas. Com uma preocupação evidente na voz, ela questionou: ‘Lauro, que negócio é esse? O que tu tá fazendo com a cidade? Tá tudo um caos, o trânsito! Tu tá querendo trazer uma bomba de seis metros de largura? Que é isso? Pode parar com tudo, deixa só essas duas bombas aqui!’”.

Lauro recorda que essa conversa deixou o grupo em dúvida. “Nos reunimos para discutir: ‘E agora? Seguimos trazendo as bombas ou paramos? Daqui a pouco ela manda a gente embora, estamos bagunçando tudo’. Foi um momento de tensão. Depois de refletirmos, chegamos a um consenso: continuaríamos trazendo as bombas”.

O foco do grupo era resolver o macro problema de drenagem. “Os engenheiros do Sanep estavam muito preocupados em ‘estressar o dique’, pedindo que parássemos de transitar lá, pois poderia romper com a movimentação de peso no dique (estrada de nove metros com base consolidada de 50 anos e recentemente asfaltada). Obviamente, a prefeita

tem que acreditar em algum técnico, era a informação que ela tinha. Eles não esperavam a dimensão da coisa. Imaginavam que a gente ia ajudar, mas não que ia trazer milhares de caminhões. Nem nós imaginávamos a proporção que tomaria, na verdade”, reconhece Lauro.

A essa altura, o grupo já tinha mais de R\$10 milhões em equipamentos emprestados. Era preciso, agora, pensar na segurança do patrimônio. Prontamente, os voluntários conseguiram apoio da Brigada Militar e das forças especiais, que colocaram equipes para fazer ronda 24 horas por dia na região.



Fabrício, em uma das noites de trabalho

Fabrcio lembra o momento de preocupao que antecedeu o policiamento. “Quando eu vi todo aquele movimento e muito material chegando, eu disse: ‘N3s vamos deixar isso aqui e eu vou para casa dormir. 3 inviavel eu ficar aqui a noite toda. Precisa de segurana. Sen3o roubam tudo. Cabos el3tricos j3 roubam a qualquer custo’. Nisso, um comeou a ligar para o outro. A3 eu tinha um ex-vizinho e amigo, Major Anderson Wenitt, comandante do 5º Batalh3o de Pol3cia de Choque da Brigada Militar. Expliquei para ele o que estava sendo feito e disse que precis3vamos de uma forca. E ele disse: ‘T3, mas quando?’. Eu respondi: ‘Enquanto as coisas estiverem aqui’”.



Brigada Militar colocou equipes para monitorar equipamentos 24h por dia

Fabrcio, ent3o, escreveu e enviou uma carta ao Comando da Brigada Militar para oficializar o pedido. A resposta veio rapidamente: o Batalh3o da BM faria ronda 3 noite, e, durante o dia, a responsabilidade seria do Batalh3o de Choque. Os policiais passaram 30 dias dando suporte para que o trabalho fosse realizado.

CURIOSIDADE

Afinal, de onde veio o nome **Projeto Drenar RS?**

Os volunt3rios de Pelotas dizem que foi o professor e empres3rio Eduardo Lorea quem deu o nome. Lorea fez os primeiros contatos para levar o trabalho volunt3rio de Pelotas para Porto Alegre. At3 chegar 3 capital ga3cha (e j3 com muitos dias trabalhados na regi3o Sul do Estado), o grupo ainda n3o tinha um nome oficial. Os empres3rios se definiam apenas como um grupo de amigos e conhecidos dispostos a drenar a 3gua da enchente.

A participao do Corpo de Bombeiros Militar tamb3m foi essencial. Os volunt3rios lembram o dia em que bombeiros foram 3 estrada do Engenho a fim de entender o Projeto. “Foi uma reuni3o estrat3gica e decisiva. Entramos no micro-3nibus da Brigada Militar, que nos oferecia segurana no local, para apresentar o mapa da regi3o e nivelar as informa33es com os bombeiros. Essa troca foi essencial para garantir que todos os envolvidos estivessem alinhados sobre os riscos e as a33es necess3rias”, destaca Lauro.

O grupo mostrou aos bombeiros os pontos mais vulneráveis da cidade, em caso de um rompimento do dique ou caso a água invadisse o perímetro urbano. Além disso, explicou em detalhes as áreas que poderiam ser mais atingidas, caso o sistema de defesa fosse comprometido.

Depois dessa reunião, houve a decisão de elevar os níveis nos pontos mais vulneráveis e definir o cais do porto de Pelotas como um “fusível”. Essa área, a mais alta dentro do dique, tinha a capacidade de conter parte do fluxo de água e permitiria que ela passasse com pouca intensidade. Isso daria tempo suficiente para as pessoas evacuarem as casas, minimizando o risco de perdas humanas e danos maiores.

O planejamento incluiu um esquema de evacuação detalhado. Equipados com essas informações técnicas, todos puderam reforçar estratégias e agir com maior precisão. A parceria com os Bombeiros reforçou a importância do alinhamento entre os esforços de voluntários, especialistas e autoridades públicas, resultando em uma operação integrada e eficaz para proteger a sociedade.

Negociar nem sempre era fácil. Os voluntários do Projeto Drenar RS contam que houve vários momentos de discussão, inclusive com funcionários da Prefeitura de Pelotas. Henrique foi o grande negociador. “A principal função do Henrique foi ser diplomata da nossa área”, revela Fabrício. “É que tem que ter alguém para ‘bater’ e alguém para fazer carinho”, brinca Henrique. “O problema é o cara que briga sem razão. O Henrique brigava com razão”, diz Lauro. Henrique dispara: “Eu vou ficar esperando a diplomacia do fulano? Não, vamos resolver”.

Foi assim em vários momentos, desde os primeiros passos do projeto. A todo instante, era preciso reforçar os propósitos do grupo a quem perguntava. As pessoas, no geral, não entendiam bem o que eles estavam fazendo, nem como. E alguns boatos absurdos começaram a surgir. “Teve um zum-zum de que nós estávamos enchendo a cidade de água para colocar os pobres embaixo d’água e proteger os ricos”, conta Henrique.

Aos poucos, o grupo ia conversando com moradores e explicando a ideia de drenagem, mostrando que o projeto era proteger toda a cidade.

Segundo eles, o Poder Público, inicialmente, também mostrou resistência em aceitar apoio. Em um dos embates, Henrique chegou a dizer: “Olha, a gente não é um movimento político. Nós somos do agronegócio. Aqui ninguém é candidato a vereador, a prefeito. A gente quer ajudar Pelotas!”

Foram muitos desafios (e inúmeros questionamentos), mas nada superou a vontade de ajudar. O ideal seguia vivo! Muita coisa foi feita debaixo d’água. Os voluntários lembram que trabalharam sem chuva até 8 de maio. A partir desse dia, choveu por três semanas ininterruptamente. Voluntários doaram capas de chuva e botas. E, além da doação de equipamentos, muitas pessoas contribuíram com outro tipo de preciosidade ao projeto: seu tempo.

Guilherme lembra com carinho: “Nos primeiros dias, a gente se mudou para a Estrada do Engenho. A gente passava o dia lá, não tinha mais comida. Aí chegava gente com café, sanduíche... Pessoas que a gente nunca viu na vida. E

paravam para perguntar se queríamos almoço, deixavam uma vianda. Teve um dia que alguém levou duas caixas térmicas com cachorro quente”. Ele completa: “O nosso sentimento era de que a gente precisava fazer alguma coisa. Só que isso é péssimo, porque às vezes você sente isso, mas não sabe o que fazer. Isso é a pior coisa. Porque fica com aquele sentimento que precisa fazer algo, mas sem saber o quê. Nós encontramos nossa vocação dentro do desafio que a gente estava passando aqui, do desastre”.

Lauro também recorda, feliz: “Minha esposa (Stephania) e minha mãe (Cristina) sempre levavam lanches para a nossa turma. Um dia, falei que tinha o Exército e elas perguntaram: ‘será que 50 sanduíches dá?’. E eu disse: ‘acho que não, porque só entre militares e amigos já dá quase 100 pessoas!’. E elas voltaram para fazer mais. Muitas outras pessoas ajudaram com lanche e refeições”.



Chuva intensa e quase ininterrupta era desafio extra para os voluntários

4. BOTANDO EM PRÁTICA

Para traçar as estratégias de trabalho, o grupo tinha vários estudos em mãos. Um deles, o planialtimétrico do município. “Eu pedi para a Michele Alsina (diretora do Sanep) os dados planialtimétricos que a prefeitura estava trabalhando, fazendo os mapas de alagamento da cidade. Ela nos disse que as simulações estavam sendo feitas pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e FURG (Universidade Federal do Rio Grande) e que a prefeitura não tinha os dados. Henrique conseguiu dados no Sanep no dia seguinte (quinta-feira). Os dados estavam em casa”, Lauro conta e ri da história.

Antes disso, os voluntários já trabalhavam por conta própria com o mesmo fim. “Nós tínhamos que fazer aquilo funcionar e interligar os equipamentos”, afirma Guilherme. Tudo era feito do jeito que dava no momento. Lauro diz: “A gente foi se organizando de uma maneira que as coisas começaram a acontecer. Tudo acontecia, tudo funcionava”.

Henrique pediu ainda para que o irmão, Felipe Ferreira Levien, da empresa Garanto, fizesse o levantamento topográfico da Estrada do Engenho. O grupo também recebeu apoio de Nataniel da Silva Pinto, especialista no assunto. Com um volume maior de dados em mãos, eles descobriram pontos vulneráveis na região e traçaram alternativas para respostas rápidas. Lauro já tinha passado uma madrugada fazendo cálculos. “Acordei às 4h e comecei a calcular qual

volume total de água teria dentro da cidade, quanto passaria de água, caso extravasasse, em qual comprimento, com qual lâmina, quanto teríamos que ter de vazão para igualar as vazões de dentro para fora, se a vazão que entrasse fosse maior que saísse, em quanto tempo iríamos colapsar por completo. Como a vazão iria subir gradualmente, de acordo com a subida dos níveis do canal São Gonçalo, no início conseguiríamos lutar para, no mínimo, retardar a inundação e ganhar tempo para que as pessoas saíssem de casa”.

Quando tudo parecia minimamente sob controle, Felipe e Nataniel informaram ao Lauro que a água subia rapidamente na área do Clube Náutico Regatas Pelotense, que fica às margens do Canal São Gonçalo. Faltavam apenas 25 centímetros para a água chegar na sarjeta da rua. “Eu saltei e disse: ‘então vamos lá agora! Não podemos deixar para amanhã. Vocês sabem como é a água’. Chegando lá, mandamos um vídeo para a prefeita, para a Michele do Sanep e para o Fernando Estima (gerente de planejamento e desenvolvimento da Portos RS, empresa pública responsável pelo sistema hidroportuário do estado do Rio Grande do Sul). Estávamos apavorados, a água poderia entrar a qualquer momento!”.

No dia seguinte, o vento virou e o nível da água baixou 20cm. Várias moradores da região, que tinham saído de casa, voltaram. Era um respiro em meio a tantas preocupações.

A montagem das bombas começou na manhã do dia 9. Ainda faltavam alguns equipamentos e ferramentas, mas era preciso agir. O cenário chamava a atenção. Muitas pessoas se

aproximavam na tentativa de entender o que estava sendo feito.

Fabrício lembra que não havia coordenação de engenharia. Por isso, os voluntários que criaram o projeto passavam o dia todo na Estrada do Engenho para orientar o trabalho. “As pessoas chegavam e não sabiam o que fazer. Paravam o caminhão e perguntavam: ‘e agora, o que fazemos?’ Aí montamos QG ao lado, com as barraquinhas”.



Guilherme, Lauro, Henrique e Fabrício já com os trabalhos dentro do aeroporto Salgado Filho em POA.

Uma reunião no 9º Batalhão de Infantaria Motorizada do Exército com a prefeita da cidade e representantes do Sanep também foi importante para combinar ações a serem executadas. Lauro recorda: “Explicamos as nossas ações e pedi para a prefeita para conseguirmos um efetivo para fechar o ponto vulnerável no porto e ela disse: ‘então já vamos lá no comandante pedir’”.

Era o Tenente Coronel Inf. Eduardo Menna Barreto. Lauro narra o diálogo assim: “Eu pedi: ‘Comandante Menna Barreto, precisamos de um efetivo para fechar com sacos um ponto vulnerável no porto, onde a água, ontem, estava a 25cm de entrar na cidade e colapsar nosso sistema de defesa da cidade’”. Logo, ele indicou o número de militares necessários para o trabalho: “Com 50 resolvemos”. O comandante perguntou em quanto tempo “e eu disse que dali uma hora e meia”. Segundo Lauro, o comandante respondeu assim: “Se eles chegarem lá e não tiver saco, areia e pá, eles voltam na mesma hora”. “Eu disse: ‘Positivo, estará tudo lá’. Mas eu estava apavorado porque já eram 15h30 e, naquele dia, estávamos sem sinal de telefone. Como eu ia me comunicar para pedir pás, areia, sacos e *bags* sem telefone?”

Sacos X Bags	
Capacidade individual	
Saco	até 50kg
Bag	até uma tonelada

Lauro usou a rede wifi do batalhão para pedir apoio aos parceiros. Às 17h do mesmo dia, os primeiros mil sacos vindos de doações da empresa Expoente chegaram. Em 15 minutos, todos estavam cheios de areia. Recorde absoluto!

Em poucos minutos, mais doações chegaram. Muitas, entregues pelo Sindicato da Indústria do Arroz de Pelotas (Sindapel). Guilherme recorda: “Apareceu um caminhão lá, que era do Domingos Casarin. Um caminhão baú, cheio de *bags* usadas que ele tinha. Uma indústria mandou mais mil sacos, outra mandou dois mil sacos. E não parava de chegar e não acabava, porque tinha muita gente enchendo de areia”.

O desafio era organizar de forma que os sacos aguentassem a pressão da água. Nessa hora, a experiência profissional de um arroteiro fala alto. Lauro lembra de onde veio o socorro. “Ninguém melhor que o Zé Luís Sanches (conhecido como Zé Luís da Canoa Mirim), que trabalha conosco e em granjas de arroz há mais de 40 anos. Ele ensinou os militares a empilhar os sacos e começamos a montar a estratégia junto dos tenentes, organizando aquela missão. Eram necessárias vedações em vários pontos”.

Outros voluntários chegaram. No total, eram mais de cem pessoas, entre civis e militares. Lauro lembra a divisão por equipes: “Deixamos uma equipe fechando a região da casa de bombas, outra no Regatas Pelotense, outra fazendo um dique emergencial atrás das casas que tinham ali para tentar protegê-las, e outra equipe na frente do comando do porto. Enquanto o pessoal trabalhava, fomos ver outras vulnerabilidades, como sistemas de drenagem. Se o nível subisse, colocaria água ‘ao contrário’ do fluxo normal, e havia muitos pontos”.



Militares do Exército enchendo sacos e bags com areia

Foi uma grande mobilização! Nesse dia, voluntários trabalharam das 17h às 2h da madrugada seguinte para resolver os pontos mais críticos. Em meio a muitas preocupações e trabalho suado, histórias engraçadas. Lauro conta que “promoveu” um funcionário do porto a sargento. “Ele me disse: ‘Tchê, eu queria pegar e fazer isso assim, para proteger melhor aqui’” Eu respondi: ‘Tchê, o negócio é o seguinte: tá promovido a Sargento. Resolve! Pode pegar a turma e resolver. Tá aprovado, tá acabado’. Mais tarde, brinquei com ele: ‘E aí, Sargento?’. E ele disse: ‘Não, não, vamos atracar aqui’. Nesse dia, eu trabalhei 22 horas seguidas, mas a missão foi integralmente cumprida! No final, fui comer um Bolonha Lanches, uma das lanchonetes mais tradicionais de Pelotas.”

Outro momento marcante foi a conexão com a Idealiza Cidades, especializada em projetos urbanísticos, que ajudou na região do Porto de Pelotas. A empresa trabalhou junto aos voluntários para garantir areia e mão de obra usados no

fechamento de pontos vulneráveis.

A repercussão já era enorme na cidade. Rádios locais e outros veículos de imprensa movimentavam-se para registrar a mobilização. Queriam comunicar à cidade o que acontecia às margens do Canal São Gonçalo. Enquanto isso, o grupo tentava melhorar a comunicação por telefone na região da Estrada do Engenho.

Fabrício conseguiu gratuitamente internet com a Vetorial Internet, especializada na área. A empresa ACTEC, do empresário André Coelho e outros sócios, instalou ainda um circuito de câmeras de segurança, para que os voluntários pudessem monitorar as bombas de drenagem. Um vizinho emprestou energia elétrica para fazer o sistema funcionar.



Bombas instaladas na Estrada do Engenho

Na estrada do Engenho, a água não avançou. As bombas de drenagem instaladas no local pelos voluntários do Projeto Drenar RS não chegaram a ser utilizadas, mas estavam prontas para o uso. “O trabalho não foi em vão”, diz Guilherme. A ideia principal era prevenir e esse objetivo foi alcançado.

Além da casa de bombas emergencial na Estrada do Engenho, os voluntários instalaram 25 bombas provisórias em seis das sete casas de drenagem já existentes e que pertencem ao Município: Anglo, Doquinhas, Farroupilha, Leste, Olvebra e Pontal da Barra. Apenas o complexo Castilho ficou de fora.



Voluntários em uma das reuniões com funcionários do Sanep

Antoniony lembra que a montagem e instalação das bombas exigiu estudo técnico cuidadoso, já que os equipamentos seriam colocados para funcionar em ambiente diverso do habitual: “O desafio na montagem se deu pelo fato de que esses sistemas são montados em situações especiais

no campo, nas lavouras. Sistemas de conjunto motobomba não são produtos de prateleira, ou seja, todos eles têm a sua especificidade. O motor, a boia, o cano, o ângulo dos canos, comprimento de cabos. A gente removeu esses materiais do campo e colocou eles no meio urbano, numa outra situação, numa outra condição”.

O olhar apurado dos técnicos voluntários permitiu fazer adaptações importantes em um curto espaço de tempo. Tudo feito também de olho na segurança de quem iria operar as máquinas e das pessoas que viessem a circular pelo local, incluindo moradores. “Então o desafio foi fazer essas adaptações necessárias para que o sistema rodasse, em termos de supressão da vegetação, de emenda de cabos, compra de cabos novos, canos, flanges, sondas. Adaptações corretas e seguras para que o sistema funcionasse a pleno. Assim como funciona no campo, funcionasse na cidade”.

Em meio a muita chuva e trabalho suado, o grupo ainda teve de responder a ações no Ministério Público, que questionavam o trabalho. “Uma das histórias mais absurdas que surgiram foi a acusação de que estávamos ‘tirando a água dos ricos e jogando para os pobres’. Essa alegação, além de completamente falsa, desconsiderava o caráter técnico e imparcial do nosso trabalho. Nosso objetivo sempre foi proteger a cidade como um todo, sem distinções, priorizando áreas vulneráveis e soluções práticas”, destaca Lauro.

Voluntários, Sanep e Prefeitura enviaram uma resposta detalhada com os objetivos das ações, critérios técnicos, ações realizadas e resultados alcançados. Lauro diz: “No fim,

nosso esforço conjunto foi fundamental para esclarecer os fatos e garantir que o trabalho continuasse, sempre com foco no bem-estar da população”.

Ao todo, 25 bombas foram instaladas e todas foram usadas para drenar água da enchente. Algumas eram flutuantes. Por isso, não corriam o risco de ficarem submersas. Onde não havia energia elétrica, foram usados tratores para bombear a água das regiões alagadas.

“O sistema ficou montado em *standby*. Estava pronto para o uso. Testamos todas as bombas, todas elas estavam funcionando. O objetivo era entregar a chave daquela operação para o Sanep e dizer: ‘tá com vocês agora’”, afirma Fabrício.



Sistema de drenagem montado na Estrada do Engenho, em Pelotas

Os voluntários dizem que é difícil mensurar os resultados atingidos, mas o apoio que deram é inegável e valioso. Guilherme afirma: “A gente ajudou a esvaziar o Laranjal uma semana ou dez dias antes do que esvaziaria naturalmente. ‘Ah, mas alagou’ (vão dizer). Bom, a gente conseguiu ajudar no momento que deu. Ali na região da barragem Santa Bárbara, eu lembro de ir com o Henrique umas duas vezes quando estava perigoso, assim, de estourar, de entrar água. Também estava alto e, se chovesse, ia entrar água naquele bairro, na ponte, em direção ao porto. Então, tem algumas coisas que se evitaram. Não parece muito, mas é”.

Quase nada foi fácil nessa caminhada. Lauro lembra o momento em que quase teve de responder a um processo judicial. “Outro episódio memorável foi quando fui processado como pessoa física, baseado em mentiras sobre as nossas ações. Felizmente, o juiz descartou o caso imediatamente. Isso só reforçou a determinação do grupo em focar nos resultados e deixar os entraves políticos de lado”.

Em meio a muito trabalho, surgiram mais histórias curiosas. Uma delas envolve o primeiro fim de semana de voluntariado. Era véspera de Dia das Mães. Quem conta é Guilherme, que passou pelo sufoco. “No sábado, era aniversário da minha esposa, Renata. Eram 16h e eu não tinha nem presente de aniversário, nem de dia das mães. Aí apareceu a esposa do Lauro na Estrada de Engenho. Ela disse que ia no shopping e eu pedi para ela comprar um presente. Ela perguntou o que minha esposa gostava e eu disse: ‘não sei, escolhe, eu preciso voltar para casa, eu não posso voltar sem nada’. Eram 21h e eu ainda estava lá”.

Stephania Casanova de Moraes Ribeiro, esposa de Lauro, fez a compra e entregou à Guilherme. “Pedi para ela me dizer o que era o presente antes de eu entregar para não passar vergonha. Até hoje minha esposa não sabe disso”.
Surpresa, Renata!

Esse mesmo domingo reservou um esforço extra para Fabrício. Já imaginou encher um caminhão com areia?! Aconteceu! A Estrada do Engenho tinha tanta areia, que houve a decisão de levar algumas cargas para outros pontos da cidade onde o grupo trabalhava. Fabrício relembra a cena: “E aquele monte de areia e saco, areia e saco... Eu chego lá e está o Fabio Arduim, apoiador voluntário de grande valor ao projeto, um caminhão da empresa Taim Aero Agrícola, do Alan Poulsen, pai do Alan Poulsen Júnior, meu sócio na GEBRAS, e o operador da retroescavadeira conversando. Ele está olhando para aquelas areias, pensando o que fazer. Decidimos encher o caminhão de areia. Que baita ideia!”, ele diz, rindo.

Serviço pesado! O operador da retroescavadeira descia a pá da máquina. Fabrício e Arduim enchiam de areia e iam para cima do caminhão. A pá subia e os dois descarregavam a areia na caçamba. Foi assim algumas dezenas de vezes. Trabalho de formiguinha! “Eu e o Arduim para carregar uma carreta inteira. Pensa na gauchada!”

O apoio (in) voluntário chegou de forma inesperada. “Nisso, vem dois ‘gurizote’ de bicicleta, acho que vinham da balsa. E aí pararam e ficando nos olhando. E o Arduim disse: ‘O que vocês estão fazendo?’ E aí os guris meio que tomaram

um susto, disseram que só estavam dando uma volta. O Arduim largou: ‘Então agora vocês vão ajudar aqui nesse nosso projeto’”.

Os novos voluntários rapidamente botaram a mão na massa. No chão, carregavam areia na pá carregadeira. Em cima do caminhão, Fabrício e Arduim seguiam descarregando. O suor foi tão grande que parecia verão, em pleno mês de maio. O caminhão (agora cheio) levou areia para outro ponto da cidade. Tarefa realizada com sucesso! A história rende boas risadas para o grupo.

E teve mais apoio com força física. Amigos de Lauro, do grupo Leões de Chácara e outros, alunos em um centro de treinamento de *crossfit* também ajudaram a encher sacos de areia. “Do nada, surgiram 30 pás. E eles carregando areia com as pás. Ao mesmo tempo, todos nós montando e organizando bombas, e eles ali, carregando”, relembra.

5. OS RESULTADOS

O projeto foi organizado por arroteiros e empresários ligados a esse setor produtivo. Muitos que ajudaram também foram impactados pela enchente de maio de 2024. A estimativa da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) é de que cerca de 114 mil toneladas do cereal foram perdidas por conta do excesso de chuva em tão curto período de tempo.

Os voluntários que primeiro organizaram o Projeto Drenar RS contam que ninguém ajudou com dinheiro em espécie, PIX ou transferências bancárias. Toda a ajuda foi dada em forma de insumos, equipamentos e mão de obra. “Ninguém tirou dinheiro do bolso para pagar uma bomba, um frete ou um cano”, diz Guilherme. “A gente ligava para fornecedores de insumos, de tratores, pedindo frete. O pessoal da aviação também deu carona, trazendo com caminhão, trazendo bombas, chaves de comando... A CCM Automação Industrial, do empresário Rogério Goularte, entrou montando um quadro elétrico para a CEEE na subestação, tudo com equipamento novo. Montaram um quadro do zero, com a parte elétrica, os postes, mão de obra, etc”.



Muitas máquinas e equipamentos foram emprestados ao Projeto para o serviço de drenagem



“Cada um ajudou com o que tinha”, lembra Lauro. Para isso, uma agenda com bons contatos foi fundamental. Os voluntários dizem que Guilherme auxiliou muito nisso. Ele brinca, dizendo que era a única coisa que podia fazer. “Eu brinquei com o Lauro dizendo que eu ia ajudar, que não entendo muito de várias dessas coisas, mas eu tenho uma agenda de telefone bastante grande. Contatos. Todos foram

assim. Porque o Lauro tem uma ligação de drenagem bem forte na área deles, lá em Santa Vitória do Palmar, tem bastante experiência também na área de equipamentos. O Antony entende bastante de drenagem e irrigação. O Henrique entrou parecido também, fazendo um serviço semelhante, entende bastante da parte prática de bombas e instalações. E o Fabrício entende da parte elétrica, que conseguiu rapidamente. Precisávamos de muitos geradores e não estávamos conseguindo a quantidade necessária, mas ele conseguiu.”

Foi uma união de esforços e talentos que causou um impacto gigante.

PELOTAS

População no censo 2022

325.685 habitantes

Fonte: IBGE

Em Pelotas, o projeto durou cerca de 30 dias. Boa parte da estrutura foi desmontada no começo de junho. Esse pouco tempo foi suficiente para ajudar a drenar muita água de volta para o Canal São Gonçalo. O trabalho ajudou a evitar problemas de alagamento ainda maiores para a cidade de Pelotas, mas os voluntários têm a consciência de que não foram os únicos a trabalhar nesse fim. Lauro afirma que a iniciativa o fez “voltar a acreditar muito na força da sociedade”. Guilherme reflete: “A gente fez muita coisa em tão pouco tempo...”.



Quantidade de máquinas e equipamentos à beira do Canal São Gonçalo dá uma ideia da dimensão do Projeto Drenar

Os organizadores do Projeto Drenar ainda tentam contabilizar o número de pessoas envolvidas. Acreditam que passe de 200. Enquanto fazem as contas, destacam que o projeto serviu inclusive para outro propósito, também nobre: aproximar pessoas que ainda não se conheciam e reforçar laços de amizade mais antigos.

Guilherme resume assim: “E a gente brincando, no começo achando que ia ser um dia, dois ou três. A gente olhava um para o outro e a força para seguir era ver ‘a pilha’ que os outros estavam. Às vezes, um de nós perdia a energia, e olhava para os outros e não tinha como voltar atrás, tinha

que terminar o que começamos a fazer. O principal é isso: ver a força que tivemos para fazer e o relacionamento que construímos para fazer acontecer”.

Fabrcio acrescenta: “Mudou a minha vida em termos de aprendizado, de liderança. Eu lidero uma empresa com cerca de 150 pessoas, mas é totalmente diferente conduzir uma empresa onde tem processo, gestão, sistêmica e liderança.. Eu acho que no projeto tivemos uma maneira de exercer uma liderança sem hierarquia, porque ela não existia. Todo mundo estava ali por vontade própria, querendo ajudar”.

Segundo Lauro, o Projeto Drenar mostra também a força do agronegócio: “o agro, frequentemente criticado de forma generalizada, mostrou seu potencial de impacto positivo. Assim como qualquer setor, há quem cometa erros, mas a ação coletiva do agro neste projeto provou que a solidariedade e a eficiência do setor podem gerar transformações. O agro não é apenas uma força produtiva; é também uma força social, como ficou claro ao unir tantas pessoas em prol de um objetivo comum”.

6. A CAPITAL

A notícia de um projeto voluntário de drenagem extrapolou os limites da região sul do Estado. Logo, chegou à capital, Porto Alegre. A cidade mais populosa do estado vivia uma calamidade pública. Milhares de famílias sofriam com alagamentos, especialmente na Zona Norte. Bairros como Sarandi, Humaitá, Floresta, Navegantes e todo o entorno do aeroporto Salgado Filho estavam alagados.

Eduardo Lorea, empresário e professor, foi quem fez a ponte Pelotas-Porto Alegre. Ele é também diretor e organizador do *South Summit Brazil*, evento que conecta startups, empresas e investidores. Nascido e criado em Pelotas, conhece vários integrantes do projeto voluntário de drenagem, que ainda não tinha nome. “Pelotense contemporâneo da nossa escola”, contam os voluntários. Segundo eles, Lorea alertou sobre o caos na capital dos gaúchos. Assim teve início a ideia de migração.

Lauro recorda: “Antes de irmos a Porto Alegre, houve uma série de reuniões com Eduardo Lorea e Sílvio Frison, que nos procuraram e ajudaram a estruturar os passos do projeto na capital e região metropolitana – a ‘internacionalização do projeto’. Já estávamos cansados e precisando voltar para nossas atividades, mas sabíamos que era necessário esse esforço extra”.

Pedro Valério, diretor-executivo do Instituto Caldeira também participou. Os voluntários contam que o diretor ficou surpreso com todas as informações sobre a Região Metropolitana de Porto Alegre já coletadas pelo grupo de Pelotas. Tudo estava em um *tablet*. Segundo eles, Pedro Valério deixou escapar uma frase icônica: “baaaaah, o agro é Tech”. São boas recordações do caminho.

Lauro e Antonyony viajaram de Pelotas para Porto Alegre. Queriam ver os problemas de perto e conhecer as casas de bombas da cidade. Assim, seria possível melhorar o planejamento das ações para resolver alagamentos.

Porto Alegre tinha poucos pontos de acesso — vários estavam alagados ou as estradas tinham sido danificadas pela enchente. Para acessar a capital gaúcha, Lauro e Antonyony usaram o chamado “Corredor Humanitário”, um caminho provisório montado pela Prefeitura de Porto Alegre perto da rodoviária, na entrada da cidade. Apenas veículos oficiais ou de apoio podiam usar a estrada. Os pelotenses estavam em um carro devidamente identificado. “Nós chegamos lá, eu e o Antonyony, com toda a planialtimetria da região metropolitana. Tudo no *tablet* aqui. E aí nós combinamos de nos encontrar com o Pedro Valério. Chegamos lá, estava o Antonyony com o *tablet*. Começou a chegar o pessoal. A conversa era: ‘vamos encontrar os produtores de arroz’”, recorda Lauro.

Os voluntários queriam dar apoio em Porto Alegre sem desmontar a estrutura instalada em Pelotas nos dias anteriores. Foi quando pediram apoio à Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz).

Eles precisavam da chancela de uma entidade que desse credibilidade a um projeto até então desconhecido. Guilherme lembra o momento: “Em Pelotas, a gente conhece todo mundo, bate no peito e pede: ‘manda a bomba para cá. A gente garante’. Já eram mais de 10 milhões em equipamentos e era só no papo. ‘Manda para cá que a gente resolve’. Agora, tinha que começar a pedir coisas para produtores que a gente não conhece tanto. Aí pedimos ajuda para a Federarroz”.

Assim como aconteceu em Pelotas, em Porto Alegre, a negociação inicial também não foi fácil. Teve até gente que disse: ‘Meus amigos, o negócio é o seguinte, aqui não é assim, a gente tem a equipe, não precisamos de vocês’”.

Fabrizio diz que entende a desconfiança que encontraram na capital. “Tem todo um corpo de engenharia que nunca tinha dado aquela solução, 200 demandas das mais absurdas acontecendo, que ele jamais tinha vivido. E tem que tomar uma decisão, se deixa uns *outsiders* aí entrar para ajudar. Então assim, eu não tiro a razão dos caras de duvidar no primeiro momento. Então acaba que você precisa criar um corpo de governança, de validação de soluções, para passar por eles. Porque senão, vem qualquer um”.

Além disso, os voluntários relatam que o clima na cidade era de desespero. Vários pontos da capital estavam com alagamentos que chegaram a dois metros de altura ou mais. Antonyony via pessoas cansadas: “Quando a gente chegou na Região Metropolitana, já era o caos instalado, já tinha alagamentos. As pessoas já estavam extremamente estressadas. Tanto os técnicos, quanto a população. Então foi

um ambiente muito, muito, muito mais estressante do que em Pelotas. E muitas intervenções a gente não conseguia fazer de imediato porque não tinha acesso a um determinado lugar, não tinha como chegar porque o sistema já estava colapsado”, afirma.

Hoje, os voluntários de Pelotas acreditam que a desconfiança tenha acontecido, também, pelo fato de que o grupo dizia que era possível conseguir muitas bombas flutuantes para drenar a água (o que já tinha sido feito em Pelotas). “Eles não imaginavam, talvez, que se pudesse arranjar tantas bombas com velocidade. Não existe isso no mercado”, pontua Fabrício.

Passada a dúvida inicial, os voluntários receberam autorização da Prefeitura para atuar na zona norte de Porto Alegre. Com casas de bombas já alagadas e equipamentos inteiros debaixo d’água, era preciso instalar bombas movidas a trator do lado de fora das estruturas de alvenaria.

Mas teve mais desafio (e dos grandes!). O grupo recebeu críticas e ameaças de um homem que se dizia morador da região. Era o “famoso dono da facção”, como chama Fabrício. Guilherme recorda a cena: “O cara veio e disse: ‘eu sou o síndico da vila e vocês alagaram os apartamentos’. Isso no primeiro dia, nós tínhamos recém derrubado o muro (do aeroporto). Ele disse que tinha bomba instalada, que estava vendo as bombas. Mas não tinha nenhuma bomba ligada. ‘Não, mas nunca na história entrou água nos nossos apartamentos’, o homem dizia”. Guilherme rebateu: “Nunca na história entrou água no aeroporto”.

Foi René Roehrs quem ajudou a resolver a discussão. Funcionário da Fraport (empresa alemã *Fraport AG Frankfurt Airport Services Worldwide*), operadora do aeroporto Salgado Filho, René conhecia o “síndico” e levou o homem até um ponto do bairro colado ao aeroporto para mostrar que não havia nenhuma bomba instalada na região. Portanto, não havia culpa dos voluntários no alagamento. Por fim, o homem entendeu e foi embora sem mais discussões.

Em meio a momentos tensos, houve também muita risada. Em Porto Alegre, uma cena de nudez na enchente. Sem conotação sexual, claro. Apenas questão de praticidade. E a história rende muitas risadas para o grupo. Fabio Arduim, grande apoiador do projeto, caiu no esgoto quando tentava ligar uma bomba de drenagem. Qualquer outra pessoa teria desistido do serviço e procurado um chuveiro com água quente para resolver a vida. Arduim, não!

Fabrício conta que Arduim, tranquilamente, tirou peças de roupa na frente de outros voluntários e ficou só de camiseta. Carregava ainda um cigarro aceso entre os dentes, para deixar a cena mais cinematográfica. Desse jeito, entrou na água, fez muito esforço (sozinho!) e ligou a bomba. Serviço feito! Sem pudor e com muita vontade de resolver.

“A história me foi contada pelo engenheiro Leonardo Comassetto, da Construtora 4T, que participou da coordenação de montagens das bombas em um dos diques de Porto Alegre”, lembra Fabrício, que elogia: “O Arduim era responsável técnico pelas bombas. Ele se comunica bem. Quando ele vai, ele fala: ‘você já falou com a prefeita? Com

o governador? Com o general?’ Ele vai resolver. ‘Ah, mas precisamos da Polícia Rodoviária Federal para trancar...’ Ele já liga para a PRF, já dá toda a verificação e tranca tudo. E essa capacidade de comunicação fez ele criar muitos contatos. Ele é um ícone!”

Contatos! Palavra-chave para fazer o projeto acontecer. Os voluntários de Pelotas logo entenderam que precisavam de um contato em Porto Alegre para executar a nova etapa do projeto. Foi assim que chegaram ao nome de **Daniel Gonçalves da Silva, sócio-proprietário da Coragon Agropecuária**. “O Henrique ligou para mim, ele é meu fornecedor, tinha comprado pivôs dele, e ele me disse que estava com uma missão aqui de drenar o aeroporto e precisava de alguém de Porto Alegre”.

Guilherme lembra bem o momento da chegada de Daniel ao grupo. Na noite anterior, ele estava com Fabrício em um quarto de hotel. “Eu não tinha roupa para usar no outro dia. Estava todo molhado. Não tinha lavanderia naquele momento, só para às 7h do dia seguinte”. Fabrício deu a ideia de ligar o ar condicionado na temperatura de 30°C e colocar a roupa na frente do aparelho. “Estava calor, eu acordei de madrugada pingando suor, xingando o Fabrício pela baita ideia dele. Levantei, fui ao banheiro, toquei na roupa e estava 70% seca. Aí elogiei: ‘tchê, o Fabrício é bom! Vou passar calor, mas vou deixar ligado’, pensei. No outro dia de manhã, a roupa estava nova, passada já. Foi a roupa que eu usei de novo”.

Mais uma vez, ganhou força a ideia de ter um morador de Porto Alegre tocando o projeto na capital. Fabrício pensou:

“Não posso ficar mais 10 dias aqui em Porto Alegre, montando bombas sozinho, sem ferramentas, sem montador, sem nada aqui para ajudar. ‘O que vamos fazer? Precisamos de alguém daqui. Tem que ser alguém que mora aqui, que conheça a gente. Quem é produtor de arroz aqui?’”.

Guilherme, o homem dos contatos, logo disparou mensagem para o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) pedindo indicação do nome de um produtor de arroz da região de Porto Alegre. “Aí surgiu o nome do Daniel, meu amigo e cliente da GEBRAS. Liguei para o Daniel, que de pronto aceitou o desafio e foi nos encontrar no aeroporto.”, diz Fabrício.

Contato feito, Daniel queria entender melhor a ideia e foi ao aeroporto, onde o grupo trabalhava naquele dia. “Cheguei lá, estava aquela confusão já de máquina chegando, mas ainda estava tudo muito incipiente, estava começando a receber as máquinas. Fiquei ali ajudando eles e tal, comecei a entender um pouco do processo, estava totalmente perdido, eles já muito envolvidos. E aí eu disse: ‘Como é que são os próximos passos?’. Eles responderam: ‘Amanhã tens que vir para cá, porque agora tem que começar a pensar em montar as bombas’”.

Fabrício explicou a Daniel que o grupo precisava de um morador de Porto Alegre para ajudar com novos contatos que pudessem fazer doações de equipamentos e mão de obra voluntária. “Chegamos lá e ele pediu: ‘o que vocês precisam?’. Nós precisamos de uns dois ou três carpinteiros, a gente precisa escorar os canos e ver como colocar. Precisamos de um cara

de mecânica com ferramentaria. E nós vamos vendo no dia o que precisar. Não precisou esperar a manhã seguinte. Na mesma noite, chegaram os responsáveis da construtora. Ele é amigo dos diretores da Tomasetto (empresa da construção civil), de Porto Alegre. Aí disseram: ‘está indo um engenheiro, o Gabriel’. Na manhã seguinte, já tinha três carpinteiros”.

Antes das 8h, Daniel já estava novamente no aeroporto da capital. Ali, encontrou outros voluntários de Pelotas e todos disseram que precisavam de uma pessoa que ficasse responsável pelo projeto em Porto Alegre. Um convite totalmente inesperado!

“Eu disse: ‘Não entendo nada de bomba. Eu não consigo nem vislumbrar o que vocês estão tentando fazer aqui’. Aí eles brincaram: ‘Daniel, tu és bom gestor, sabe aproximar as pessoas, é isso que nós precisamos. Vamos que vai dar certo’. Foi com isso que eles me motivaram”, lembra. E foi assim que surgiu o novo apelido: “General Daniel”!

Logo, ele começou a entender o tamanho do desafio. “Caiu no meu colo aquele monte de máquina, aquele monte de coisa e eu fiquei meio sozinho porque eles começaram a ir embora para Pelotas”. O apoio necessário para entender o funcionamento do projeto seria dado por telefone. Assim foi combinado. “Eles disseram: ‘Se precisar, a gente volta aqui’. Eles se colocaram à disposição”.

Antes da despedida, Daniel já tinha sido apresentado a um funcionário do Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE) e a um representante do aeroporto. Equipamentos e insumos já estavam no local e não havia tempo a perder. A

montagem das bombas deveria começar no dia seguinte.

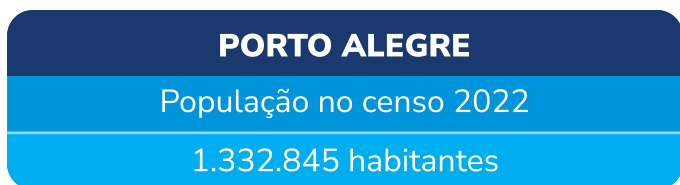
Lauro afirma que “as reuniões com o DMAE e a Fraport foram particularmente desafiadoras. Inicialmente, a Fraport não queria nos dar acesso ao aeroporto. Quando chegamos no Hotel vimos a notícia que a Fraport estava tentando renegociar a concessão, o que nos causou grande apreensão.”

Foi no dia 24 de maio que a Fraport pediu à Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) a renegociação dos termos do contrato por causa dos prejuízos causados pela enchente. Mais tarde, em agosto, a Anac aprovou o repasse de R\$425,9 milhões ao aeroporto Salgado Filho. O repasse foi um adiantamento do governo para a empresa agilizar a reabertura do terminal.

A região do aeroporto estava alagada, o que tornava o trabalho ainda mais desafiador. Era um cenário diferente do encontrado dias antes, em Pelotas, como lembra Antonyony: “Em Pelotas, nós trabalhamos no seco. Nós trabalhamos sem enchente, sem estresse. A gente chegou a Porto Alegre para ajudar a baixar a água. A gente não chegou lá para ajudar a ‘atacar’ a água. Nós já chegamos lá com o sistema completamente saturado, diferente de Pelotas, onde a gente trabalhou antecipadamente e conseguiu prever muitas coisas, como pontos vulneráveis. Essa foi a grande diferença de a gente ter tido mais sucesso em Pelotas”, ele diz.

Em Porto Alegre, as bombas seriam movidas por tratores. “O DMAE fez uma plataforma para que a gente pudesse, com escavadeira, botar esses tratores”, lembra Daniel. Mas ele entendia que precisava de mais apoio presencial. Ligou

para a empresa da família, com sede em Jaguarão, e pediu apoio voluntário a funcionários. “Eu disse para o meu gerente que não era obrigado a vir para Porto Alegre, mas que se ele pudesse vir com uma equipe daí seria muito bom, porque eu precisava de ajuda”.



Fonte: IBGE

Mais voluntários começaram a aparecer. Outro produtor rural também enviou uma equipe para o trabalho. A ajuda veio de onde Daniel nem imaginava. Nesse mesmo dia, ele recebeu amigos em casa para jantar, que estava previamente agendado, e contou sobre o projeto. Os amigos perguntaram como poderiam ajudar. Daniel disse que precisava de mão de obra no aeroporto. Foi assim que conseguiu ampliar a rede de apoio.

E teve mais estratégia: o uso de redes sociais. “Aquilo repercutiu. Algumas pessoas viram o pedido nas redes sociais e me ligaram. Naquele momento, eu tinha que fazer um filtro, de quem queria mesmo ajudar ou quem queria estar ali só para estar junto”, pontua.

A logística do projeto em Porto Alegre foi um capítulo à parte. Henrique organizou uma frota impressionante de tratores e bombas, em reunião com as empresas John Deere

e Massey Ferguson; e as concessionárias, Sotrima Agrícola e SLC Máquinas. A Menegaro Turvo, de Santa Catarina, também deu apoio. Um dos pontos fundamentais para arrecadação das máquinas para Porto Alegre foi a visita ao Paulo Hermann, que rendeu o seu apoio, por ser um grande influencer do agronegócio.

Guilherme garantiu equipamentos em Camaquã e Tapes. Essa operação de guerra foi essencial para o sucesso do Projeto. Segundo os voluntários, as peças encaixaram uma na outra graças à dedicação do time e à colaboração de muitos parceiros.

A chegada dos tratores e bombas em meio à chuva foi um dos momentos mais marcantes para o grupo. Com autorização da Fraport, eles abriram o muro do aeroporto, uma área federal restrita, para instalar os equipamentos e garantir a drenagem.

A montagem das primeiras bombas começou na sexta, dia 24 de maio, e se estendeu pelo sábado, dia 25. Pura emoção! “Era aquela história, montava, não dava certo. As nossas eram todas enjambradas. Tu pegavas um cano, conectava no outro, conectava no hidráulico com o trator e água saía lá. E, às vezes, escapava, estourava. Tanto que elas viviam estragando”.

Mais emoção ainda quando começou a dar certo. “Quando ligamos a primeira bomba, foi muito legal. Foi uma emoção, todo mundo gritando. Ligamos a primeira bomba. Ligamos a segunda, ligamos a terceira. Eu lembro que eu conversei com o Henrique, porque eles estavam sempre dando suporte por

telefone. O Henrique me disse: ‘Daniel, mas tu ligou só as bombas pequenas. E as grandes?’. Daniel ri da história. “E eu faceiro que tinha conseguido ligar”.

Os primeiros dias de trabalho foram todos debaixo de muita chuva e sensação de frio por conta da umidade alta. Era difícil acreditar que o trabalho daria certo. A água era drenada aos montes, mas o grupo não via resultado imediato e significativo.

Por isso, houve a decisão de passar a trabalhar 24 horas por dia no local, mas não havia voluntários o bastante para uma escala de trabalho tão longa. Daniel entrou em contato com o Exército, que enviou cerca de dez militares para trabalhar no aeroporto, e mais alguns mecânicos para fazer a manutenção das máquinas. “O exército nos dava todo apoio na noite. E veio o pessoal de Santa Maria, especificamente para nos dar suporte na parte de mecânica”, ele diz.

Pilotos privados também apareceram para ajudar. Eles fizeram a manutenção de máquinas e instalação de bombas. Um gesto inspirador em meio ao caos, reforçando o espírito de colaboração que marcou todo o Projeto.

Bombas flutuantes emprestadas pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) também foram instaladas no local. A água retirada do aeroporto era jogada no Arroio Gravataí. Para os voluntários do Projeto Drenar RS, foram dez dias de trabalho ininterrupto no aeroporto de Porto Alegre.

Antes mesmo da instalação da primeira bomba, os voluntários perceberam que era preciso cumprir outra tarefa

— e essa não poderia ser feita por eles. Era fundamental vedar o sistema de proteção contra cheias. Havia vazamentos nas comportas do Muro da Mauá e o dique da Zona Norte da cidade tinha sido rompido.

Antoniony recorda esse momento: “Havia uma comporta que estava semiaberta e estava entrando água do Guaíba para dentro do sistema. Ela tinha que ser vedada. Com concreto, areia, terra, pedra, qualquer material, mas tinha que ser vedada. E foi vedada. Algumas recomposições de diques que estavam rompidas também tiveram que ser recuperadas. A gente precisava recuperar esses pontos que estavam vulneráveis, que colapsaram, antes de começar a instalar as bombas, porque a vazão de água que estava entrando nesses pontos rompidos era muito maior que a capacidade de bombeamento”.

A sugestão foi aceita pelo Poder Público, e as tarefas foram cumpridas com sucesso. Antoniony diz que, a partir desse momento, tudo melhorou: “Quando se conseguiu isso, aí a gente teve muito mais efetividade e conseguiu fazer essa drenagem do aeroporto em tempo recorde. Em sete dias, a água saiu para fora da pista”.

LOCAIS DE PORTO ALEGRE ONDE BOMBAS FORAM INSTALADAS

Aeroporto Salgado Filho, Vila Dique e na casa de bombas Anchieta. Todos os pontos ficam na zona norte da capital gaúcha. Só no aeroporto eram doze bombas. Todas movidas a trator, já que a região não tinha energia elétrica.

Todas as 18 bombas usadas eram próprias para o trabalho em lavouras de arroz e foram emprestadas por produtores rurais e fabricantes de bombas. Nove foram doadas pela Agrimec, quatro pela revenda JD, de Santa Catarina, e cinco por produtores de Camaquã. As máquinas da Agrimec estavam prontas para serem exportadas.

Em Porto Alegre, foram sete dias consecutivos de trabalho, também com estrutura impressionante. “Para se ter uma ideia, o que se usou de bombas no aeroporto de Porto Alegre daria para irrigar oito mil hectares de arroz. Aí a gente usou para drenar, fez o serviço inverso”, explica Guilherme.

As doações chegaram aos montes (e foram todas extremamente importantes e necessárias), mas, em determinado momento, foi preciso fazer algumas compras. Os voluntários precisaram negociar 17 canos para a instalação das bombas no aeroporto da capital. Tentaram doações, mas não conseguiram.

Encontraram o produto (escasso no mercado) em uma loja de Pelotas ao custo de R\$5 mil cada. Sem dinheiro na mão, convenceram o dono da empresa de que o DMAE faria o pagamento. Foi uma conversa desafiadora. “Se o DMAE não pagar, a gente paga”, foi o que os voluntários disseram. “O cara carregou os canos na confiança”, lembra Guilherme.

Após a instalação de todas as máquinas e equipamentos no aeroporto de Porto Alegre, o grupo encontrou ainda outro desafio. Lauro recorda: “começamos a revisar os pontos onde as bombas seriam instaladas, mas percebemos rapidamente que algo estava faltando: plataformas suficientes para colocar

os tratores e as bombas. A cidade estava literalmente debaixo d’água, e a resposta inicial foi de que ninguém trabalharia no fim de semana para transportar o aterro necessário. A justificativa era a pausa nas operações dos prestadores de serviço do DMAE. Porém, em uma situação tão crítica, era inconcebível deixar tudo parado. Decidimos que precisaríamos improvisar”.

Os voluntários usaram terra excedente que encontraram nos acessos à pista para nivelar o terreno e criar novas plataformas. Com isso, foi possível instalar mais bombas e posicionar os tratores sobre bases firmes, enquanto as bombas ficavam submersas para realizar a drenagem. Trabalho intenso! Tudo adaptado ao momento, com sucesso. A iniciativa permitiu avançar em um momento em que a situação não podia esperar.

A Fraport forneceu ainda material de rejeito de asfalto, já disponível no local. Esse recurso adicional foi essencial para estabilizar as plataformas e garantir que a operação seguisse em frente. “Nossa experiência do dia a dia nas lavouras, onde não existem limites de horário para resolver problemas, foi o que nos deu a mentalidade necessária para agir rapidamente e superar a falta de apoio inicial. No meio do caos, improvisamos, nos adaptamos e mantivemos o foco: drenar a cidade”, diz Lauro.

Com a estrutura instalada e operando em Porto Alegre, o grupo usou a expertise adquirida em Pelotas para apoiar também moradores da Região Metropolitana da capital. Equipamentos foram instalados no município de Novo

Hamburgo, no Vale dos Sinos. A doação foi feita pelo Grupo Ceolin, de Novo Hamburgo.

Foi Joel Michelotti quem capitaneou e coordenou a instalação. As bombas eram tão grandes que o transporte teve de ser escoltado pelo Exército Brasileiro desde Uruguaiana, na Fronteira Oeste do estado. O Grupo Ceolin enviou também uma equipe técnica para acompanhar a instalação.

A chegada das bombas foi decisiva para drenar o Arroio Gauchinho e tirar água de áreas já afetadas, para que os moradores da região pudessem retornar para casa. A drenagem ajudou ainda a cidade vizinha, São Leopoldo, que estava devastada pela água da enchente. Os voluntários ofereceram apoio também para a cidade de Canoas, mas não houve acordo.

Em Novo Hamburgo, o cenário era igualmente devastador. Durante a vistoria, o grupo identificou o melhor ponto para instalação de bombas de drenagem. Mas o problema gigantesco exigia bombas de grande porte e geradores potentes, capazes de lidar com o volume de água já acumulado.

A estrutura montada na capital gaúcha e em Novo Hamburgo seguiu os mesmos padrões aplicados em Pelotas semanas antes, mas com equipamentos cedidos por outros produtores e empresas. Em Pelotas, nada tinha sido desmontado ou mobilizado. Experiência desafiadora e inesquecível!

Nesse caminho cheio de desafios e alegrias, momentos ficam marcados na memória. Lauro recorda o dia em que o

futebol fez a união. “Fui até Novo Hamburgo com Anderson Belloli, da Federarroz, e Antoniony para avaliar a situação e buscar soluções. Assim que chegamos, fomos recebidos pelo secretário de obras do município que, por coincidência, era de Pelotas e também xavante (torcedor do Brasil de Pelotas, time de futebol da cidade do sul do estado). Essa conexão inesperada acabou nos aproximando da prefeita Fátima Daudt, facilitando o diálogo e a articulação das ações”.

No fim, Antoniony avalia que o Projeto alcançou bons resultados. “A gente teve sucesso no que se propôs a fazer em Pelotas, porque não entrou água na cidade. O pouco que entrou a gente conseguiu retirar e não teve nenhum dano. Claro que, a cidade foi assolada pela enchente, mas onde tinha proteção de dique a cidade ficou protegida. Obviamente que a parte do Laranjal não tinha o que ser feito, porque não tem sistema de proteção (contra enchente na cidade). Então nos deixou um sentimento de dever cumprido. Foi um mês de trabalho voluntário e muita gratidão. Se tivesse que fazer de novo, eu faria dobrado”, afirma.



Voluntários no aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, depois do trabalho de drenagem



Ainda hoje, os voluntários ficam emocionados quando lembram o dia em foi retomado o transporte médico de emergência em aviões. É um lembrete poderoso de como ações concretas, mesmo em meio a tantas dificuldades, podem impactar diretamente a vida de muitas pessoas. “O aeroporto drenado não era apenas uma vitória técnica, mas também uma conquista humanitária, permitindo que vidas continuassem a ser salvas todos os dias”, destaca Lauro.

A água na região do aeroporto (incluindo bairros que ficam nas redondezas) baixou, em definitivo, no começo de junho. Pequenos feitos dos voluntários tornaram-se grandes e inesquecíveis realizações, como recorda Daniel: “Eu lembro do primeiro dia que a gente viu que a água recuou. Também foi uma emoção! Eu quase chorei. A gente abraçou para fazer acontecer. Eu saí muito feliz pela conquista. Para mim, foi muito gratificante, muito gratificante mesmo! Aprendi, ganhei, acertei, se tivesse que fazer de novo, faria”.



Equipe do Projeto Drenar e apoiadores na pista do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre

Lauro diz que só se arrepende de não ter feito um churrasco na pista do aeroporto: “A ideia era celebrar o esforço coletivo de todos os voluntários, que nos permitiu vencer aquele desafio monumental, mas o ritmo frenético do trabalho não permitiu. Ainda assim, fica a memória de que, mesmo sem churrasco, o espírito de união e realização foi mais do que suficiente para aquecer o coração de todos”.

Mas o fim dos trabalhos não passou sem celebração. Os voluntários levaram tratores para a frente do saguão para registrar em foto um momento histórico. O esforço de pessoas e máquinas, da iniciativa privada e do setor público, e a determinação dos gaúchos estavam bem representados e, agora, eternizados.

7. IMPRESSÕES PESSOAIS

Quatro meses após o início da cheia, quatro voluntários criadores do Projeto Drenar RS se reuniram para a entrevista que deu base a este livro. Foi o primeiro encontro de Lauro, Guilherme, Fabrício e Henrique desde o fim do Projeto. Agora, sem chuva, em ambiente protegido de intempéries e com direito a churrasco e cerveja.

A água da enchente tinha baixado há três meses. A conversa franca serviu para o reencontro, para agradecer a parceria e também para avaliar a ideia que botaram em prática. O que segue agora é a transcrição literal de algumas falas gravadas na noite de 10 de setembro de 2024:

Lauro

“Quando nós começamos a ir, todo mundo estava extremamente ocupado. Não tinha um: ‘ah, esse cara tem tempo, nós podemos deixar ele aqui e nós vamos...’ Cara, não tinha! Todo mundo estava ocupado. E aí o Guilherme não largava o osso, o Fabrício não largava o osso, o Antonyony não largava o osso, o Henrique não largava o osso. Cara, como é que eu vou ficar fora dessa? Não podia deixar os guris na mão. Tava tudo debaixo d’água”.

Henrique

“Eu perdi negócios, perdi faturamento, talvez uns R\$ 200 mil na empresa em uma semana. Eu não tava nem aí! Acabei ficando 30 dias fora e abandonei os vendedores que pediam orçamento. Acho que na vida eterna, ou quando a gente chegar no final, eu vou dizer: ‘tchê, o que eu pude fazer eu fiz, entendeu’. Às vezes, é muito fácil dar dinheiro, mas tu botar a mão é diferente”.

Guilherme

“Nós não estávamos tranquilos lá para fazer a drenagem. A minha empresa é familiar, gestão do meu pai. E ele me cobrava muito seguido, assim: ‘quando é que tu vai largar esse troço e ajudar? Eu também estou precisando de ajuda’, ele dizia. Eu falei: ‘não posso deixar de ir’. A gente se envolveu muito para ajudar pessoas. A gente sabe que deixou o nosso trabalho, deixou as nossas empresas, eu e o Lauro deixamos as lavouras para trás, no bom sentido, para a gente ir pelo bem social, simplesmente pela força de vontade de ajudar”.

Henrique

“Cara, eu sou emotivo e choro, né? Mas eu acho assim... na questão de drenagem, Pelotas me cativou! Tu sair de casa para ficar 20 dias na casa de um irmão... Cara, é difícil, né? Eu acredito que chegou um momento que a gente deu segurança para as pessoas voltarem para casa. Tipo a Vila do Pântano, a Vila do Dique, a parede das casas é de caixinha de leite. Ali nós salvamos as pessoas. Eu não sei se o nosso movimento foi organizado ou desorganizado, mas foi sucesso”.

Fabrcio

“Acho que, individualmente, comprovou a capacidade de cada um. Pelo menos, para mim, foi um desafio profissional de engenharia. Eu nunca tinha tratado de um processo de engenharia desplanejado assim. Não é minha atividade da empresa participar de processos de engenharia nesse formato. Foi um desafio bacana para mim e mostrou também um pouco da capacidade de integração no setor privado - quando quer - e como o setor público carece desse movimento do setor privado, dessa agilidade do setor privado, de solucionar coisas. Para mim, ficou nítido que o setor público, em momentos de calamidade, meio que colapsa, dentro do que é planejado vai, e dentro do que não é não vai para frente”.

Lauro

“Olhando hoje, eu acho que a gente arriscou muito. Mas eu faria de novo! Não me arrependo de nada, mas assim, olhando friamente com um raciocínio bem analítico, a gente arriscou para caramba, a chance de dar errado era grande. A gente seguiu igual e fez acontecer, sem visão de retorno, a não ser um retorno pessoal, talvez, de que fizemos nossa parte, o que podíamos ter feito, fizemos. O propósito não era ter vantagem pessoal, vantagem financeira, nenhum atrativo a não ser fazer o bem para as pessoas”.

Fabício

“Olhando pra frente, a gente vai precisar criar alguns mecanismos de governança para ter essas trocas mais próximas do público (com o privado). Se nós não cuidarmos, daqui a 40 ou 50 anos acontece de novo, e o nível de governança e de gestão será igual. A capacidade de solucionar problemas pelo setor privado me parece mais hábil, mais rápido, mais fácil. Então eu enxergo uma solução prática com uma aproximação do setor privado com o público, acho fundamental. Como resultado social no trabalho, e mesmo nesse aspecto, como nesses momentos de crise, eu percebi que se preocuparam muito mais em mitigar consequências do que agir preventivamente. Acho que o trabalho que a gente fez foi muito mais uma linha de prever a ocorrência de resultados, meio que na contramão do pensamento humano, a gente nunca busca a precaução das coisas, é sempre, depois de acontecer, tentar resolver”

Guilherme

“Se a gente combinasse hoje: ‘vamos todos largar nossos empregos para fazer uma missão. Qualquer missão que seja’. Todo mundo diz que não tem tempo. E a gente foi e fez. E achou o tempo. De novo, a mesma frase: ‘fazer o bem não importa a quem’. Vamos ajudar, começamos e vamos resolver, colocar o que a gente entende à prova para ajudar a nossa população”.

Em entrevistas feitas individualmente, semanas mais tarde, Antony e Daniel também deixaram impressões pessoais sobre o projeto.

Daniel

“Todo mundo estava nessa. E as pessoas queriam ajudar, as pessoas queriam estar juntas. Óbvio que, depois de começar a dar resultado, tudo melhora. Realmente dá para secar. E aí foi muito legal! Acho que foi muito a causa. E a questão do agro poder ajudar a cidade, que é uma coisa que nós do agro precisamos nos comunicar mais com a cidade, com o urbano. E ali foi uma demonstração de que a gente podia. Nesses momentos, tu te une com gente que quer fazer bem”.

Antiony

“A questão humanitária é fundamental. Pela criação e pela educação que a gente tem, vem esse sentimento de colaborar e de ajudar os mais necessitados, em situação de vulnerabilidade. Esse é o primeiro ponto. E também por ser um tema ligado à minha atividade profissional, por eu me achar capaz de ajudar e propor soluções adequadas para isso. E, para esse tipo de atividade, eu sempre estarei à disposição e com todas as forças e conhecimento que estão ao meu alcance para poder atuar e ajudar. Então, é um sentimento de gratidão e um conforto de estar fazendo e falando coisas que eu sei fazer”.

8. PÓS-ENCHENTE

No início de novembro de 2024, seis meses após o desastre, quase duas mil pessoas, que perderam as casas onde viviam, continuavam em abrigos montados pelo poder público em 23 cidades. O Governo Federal ainda analisava o pedido de construção de mais de 44 mil unidades habitacionais para substituir moradias condenadas. Mais de 7.500 já tinham sido aprovados. Pela proposta, as casas deverão ser construídas ou a família poderá escolher uma casa que custe até R\$200 mil.

Em agosto, 367 unidades do programa Minha Casa Minha Vida que já estavam em construção foram entregues. Já o governo do Estado entregou 212 casas provisórias. Aos poucos, as famílias atingidas tentavam retomar a vida.

No aeroporto Salgado Filho, as operações de pouso e decolagem foram retomadas no dia 21 de outubro. Uma semana depois, empresários da Serra Gaúcha já comemoravam o retorno massivo de turistas à região e o aumento nas vendas e negócios.

Até o final de outubro, os governos estadual e federal tinham aplicado cerca de R\$237,9 milhões na recuperação de rodovias impactadas pela enchente. O valor representa 5,5% do que foi projetado inicialmente para aplicação nesta área, que foi de R\$4,3 bilhões.

Estimativa do governo estadual indica que a chuva e as cheias de maio afetaram cerca de 13,7 mil quilômetros de estradas no Estado. Desses, 5.288 quilômetros em rodovias federais e 8.434 quilômetros em trechos estaduais. Os dois governos projetam que a recuperação total da malha rodoviária deve levar até dois anos.

Na enchente, 206 mil propriedades rurais tiveram prejuízos. Seis meses após o início do desastre, muitas famílias de produtores ainda trabalhavam para recuperar as perdas.

O Projeto Drenar RS não alcançou todos os 478 municípios gaúchos atingidos por enchentes, deslizamentos de terra e inundações. E nem tinha a pretensão de ser gigantesco assim. “Organizado de uma maneira tão desorganizada” (como dizem os voluntários), conseguiu fazer a diferença onde foi possível chegar de corpo, alma e coração. Primeiro, no quintal de casa. Na cidade onde cinco dos seis criadores do Projeto têm fortes relações familiares e comerciais. Depois, impactou positivamente a maior cidade do estado, que vivia um colapso provocado pelo desastre climático.

Em meio a muita força de vontade, estratégia, improviso e incertezas sobre o futuro, deixou uma marca que jamais será apagada. Nenhum dos envolvidos na iniciativa deseja que a história se repita, “mas faria tudo outra vez”, se fosse necessário. A entrega total ao outro fez a diferença para quem precisou de ajuda e para quem estendeu a mão. Uma transformação aconteceu. E essa é para sempre.

9. CRONOLOGIA

Início da Tragédia

28 a 30 de abril de 2024

- Temporais e chuva severa atingem a Serra, Vale do Taquari, Vale do Caí, devastando cidades e infraestruturas do Estado.
- O Estado inicia operações de guerra na Serra, e alerta para grandes cheias no Guaíba.

Observação do Cenário em Porto Alegre

01 a 03 de maio de 2024

- As águas chegam ao lago Guaíba e inundam Porto Alegre.
- O Aeroporto Salgado Filho é fechado sem data de retorno, submerso.
- Grandes frentes de resgate se iniciaram na região de Porto Alegre e a Grande Porto Alegre, incluindo o Vale dos Sinos.
- Casas de bombas de Porto Alegre colapsam.

04 a 07 de maio de 2024

- Seguem os trabalhos de resgates na região de Porto Alegre.
- Guaíba segue subindo e atinge marca histórica.

- Aviso de cheia e inundações nas cidades costeiras da Lagoa dos Patos, logo, Pelotas sob risco.

Operação Pelotas

07 de maio de 2024

- Lauro Ribeiro (Canoa Mirim) inicia mutirão para fazer avaliações em Pelotas.
- Recruta o time de Pelotas, Fabrício, Antoniony, Henrique, Guilherme
- Faz agenda com a Prefeita ao fim da noite, para propor uma solução de combate com bombas de arroz.

08 de maio de 2024

- No início da manhã, o time se reúne na casa de bombas leste do SANEP, em Pelotas.
- Estabelece-se os trabalhos e ações de engenharia com a Prefeitura, SANEP e Arrozeiros e empresas parceiras.
- Escolhe-se o local para colocar a implantação do sistema reserva.
- Começa-se trabalho intenso de topografia, para validar altura do dique e pontos de risco.
- Monta-se o QG da Casa de Bombas Emergencial.
- Inicia-se o trabalho de conserto e busca de peças para o sistemas fora de operação do SANEP.

- Outra empresa da região inicia a ampliação do dique leste.
- Começa-se a recrutar demais serviços e empresas parceiras.
- Aciona-se a CEEE para fazer conexões emergenciais na rede.
- Aciona-se a Brigada Militar para garantir a segurança do local
- Primeiros equipamentos e bombas começam a chegar.

09 a 12 de maio de 2024

- Seguem os trabalhos de implantação do sistema de emergência em Pelotas, utilizando bombas de irrigação de arroz.
- Ao todo, são instaladas mais 19 bombas para drenagem emergencial.
- São recuperados sistemas do SANEP existentes.
- Águas começam a descer do Guaíba e sobem na direção de Pelotas.
- Dique é recuperado, tanto em ampliação do dique leste, quanto em melhorias de trabalho junto com o exército, usando sacos e outros sistemas em pontos de risco.
- Trabalho realizado começa a tomar notoriedade e aparecer em redes sociais e notícias.
- Empresas se revezam para estar junto ao sistema de reserva, que fora acionado apenas para teste, estando apto a operar tão logo necessário por ordem do SANEP.
- Dia das mães é de trabalho intenso para deixar os sistemas operantes e pronto.

- Chuvas seguem na região Sul com intensidade há, pelo menos, 4 dias.

Operação Porto Alegre

11 de maio de 2024

- Fabrício é contatado pelo Eduardo Lorea, diretor e organizador do South Summit.
- Juntamente com contatos e pessoas de Porto Alegre, em especial ligadas ao Instituto Floresta e outras entidades, questionam a viabilidade de implantação da solução Pelotas em Porto Alegre e região.
- Inicia a etapa de avaliação e montagem do grupo de trabalho para Porto Alegre.
- É chamada a Federarroz para encabeçar o processo.
- Criados grupos de trabalho e o nome Drenar RS.

11 a 19 de maio de 2024

- Porto Alegre e região da Grande Porto Alegre e Vale dos Sinos seguem com cidades inundadas.
- A semana é de agendas técnicas e arranjo político com órgãos e grupo Drenar RS, pra entender se queriam a ajuda, onde e como ajustar essa governança
- Turma de Pelotas vai várias vezes a Porto Alegre e cidades da região, para ajustar pontos e entender as possibilidades.

- Federarroz assume papel importante e de protagonismo, convidando arroteiros de demais partes do Estado.
- O Instituto Floresta também inicia o seu apoio de trabalho e financeiro, caso necessário.

19 a 25 de maio de 2024

- Enfim, inicia a parte técnica da operação em Porto Alegre.
- Define-se como o principal local para drenagem o aeroporto Salgado Filho
- Parte da equipe Pelotas vai no início da semana para ajustar alguns últimos pontos.
- Na quarta-feira, Fabrício e Lauro vão para Porto Alegre para agenda com DMAE.
- Já começam a chegar bombas em Porto Alegre.
- Na quinta, sobem Henrique e Guilherme. Nesse mesmo dia, é iniciada a operação no aeroporto.
- Chegam tratores, máquinas, bombas.
- Equipe da Fraport entra no circuito de apoio.
- É aberto o muro do aeroporto e feito o reconhecimento inicial da situação.
- Equipamentos são colocados para dentro do aeroporto.
- Percebe-se a importância de se ter equipes e parceiros locais de gestão do projeto.
- É convidado a participar, e de pronto aceita, o Daniel Gonçalves da Coragon — que já vai pro aeroporto.
- Feitos os alinhamentos iniciais, Daniel já convida parceiros

de Porto Alegre — construtora Tomaseto.

- Na sexta, inicia-se a operação de instalação, que se desdobra pelo restante do final de semana, já com equipes de Porto Alegre.

26 de maio a 01 de junho de 2024

- As instalações seguem sendo realizadas sob coordenação do Daniel.
- É instalado sistema, junto à construtora 4T e bombas de arroseiros, próximo ao Bairro Humaitá.
- O Exército é chamado para trazer equipe de apoio e operação junto aos tratores e bombas.
- Começa a ser drenado o aeroporto Salgado Filho, com expectativa de estar seco em até 10 dias.
- Outros pontos de bombeamento na cidade seguem sendo analisados para instalação de bombas.
- Arroseiros de Uruguiana — Ceolin, instalam sistemas de bombeamento para drenagem no Vale dos Sinos.
- Arroseiros do litoral norte instalam bombas em outros pontos de Porto Alegre e iniciam drenagem de outros bairros.
- Equipe de Pelotas seguem revezamento em Porto Alegre para acompanhar e auxiliar os trabalhos.
- Daniel segue o timoneiro da operação Porto Alegre.

30 de maio de 2024

- Projeto Drenar RS é apresentado em evento no Paraguai. Presentes Antony (co-organizador do evento), Lauro, Guilherme e Fabrício.

03 de junho de 2024

- O Aeroporto Salgado Filho é dado por seco pelo “General Daniel”.

04 de junho de 2024

É feito um grande evento de entrega do aeroporto seco, com presença da diretoria da Fraport, Federarroz, arroseiros e empresas parceiras de trabalho.

05 a 13 de junho de 2024

- Feita a desmobilização de Equipamentos usados na drenagem de dentro do aeroporto.
- No dia 13 de junho de 2024 são retirados os últimos tratores.
- “General Daniel” Gonçalves dá por encerrada a missão Aeroporto Salgado Filho.

10. RECONHECIMENTOS

Em agosto de 2024, o Projeto Drenar RS recebeu o *Troféu Guri*, uma das distinções mais importantes do Rio Grande do Sul. O evento foi realizado durante a 47ª Expointer, no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, e reconheceu a união de esforços diante da maior tragédia climática do Estado.

A 25ª edição do *Troféu Guri* ocorreu em formato especial: pela primeira vez, o prêmio também foi concedido a iniciativas e movimentos. Foram homenageados grupos e entidades que simbolizam a linha de frente contra a enchente histórica de maio de 2024 e os esforços para a reconstrução do Estado.

Promovido pelo Grupo RBS desde 1998, o *Troféu Guri* valoriza e reconhece quem comunica os valores do Rio Grande do Sul além das divisas do estado. Até 2023, o prêmio era entregue apenas a personalidades.

Alguns meses depois, em dezembro de 2024, o Projeto Drenar foi um dos quatro homenageados com o *Troféu Solução* da Farsul, a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul.

O reconhecimento é entregue pela Comissão de Arroz da Farsul a entidades, empresas e produtores rurais que, ao longo de um ano, fazem a diferença nessa área produtiva e mostram a força do setor arroseiro no Estado.

FÉRIAS
QUINTA-FEIRA
23 DE AGOSTO DE 2024

Noti



Troféu Guri reconhece mobilização durante cheia

25ª edição

Distinção será entregue na próxima terça-feira, a partir das 18h, em meio à Expoiter, que ocorre no parque Assis Brasil, em Esteio. Evento irá homenagear pessoas e movimentos que atuaram durante a mobilização dos gaúchos diante da catástrofe climática enfrentada pelo Estado.

Os homenageados na 25ª edição do Troféu Guri foram divulgados na manhã de ontem. Os nomes foram conhecidos dentro da programação do *Gasômetro*, da Rádio Gaúcha.

Uma das mais tradicionais premiações do Rio Grande do Sul, a distinção comemora 25



Promovido desde 1998, prêmio tem formato especial neste ano

edições com um formato especial. Pela primeira vez, o evento irá homenagear iniciativas e movimentos, além da personalidade, como reconhecimento à mobilização dos gaúchos diante da catástrofe climática. A cerimônia ocorre na terça-feira, às 18h, na Casa RBS, durante a 47ª Expoiter, realizada no parque Assis Brasil, em Esteio.

Promovido pelo Grupo RBS desde 1998, o Troféu Guri valoriza e reconhece quem amplificou os valores do RS para além do pago. Neste ano, os 11 homenageados representam a força e a união dos gaúchos nas áreas de atuação da sociedade civil, em que entidades, empresários e milhares de voluntários atuaram e seguem atuando na retomada do Estado.

Homenagem

A lista de homenageados contempla diferentes frentes de atuação, como ações de arrecadação e distribuição de doações

Conheça os homenageados

BRUNA ALVAREZ
Bombeira voluntária de Parobé, realizou um resgate de um bebezinho na enchente. Insignia dela com a criança em um cenário onde a água cobria boa parte do corpo foram compartilhadas nas redes sociais.

COÓPERA RS
Iniciativa do sistema Ouregs com foco em arrecadações para os afetados por meio do cooperativismo. O movimento promoveu recolhimentos, organizando entrega de doações e apoio a desabilitados.

CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS (CUFA)

Presente há mais de 20 anos nas favelas brasileiras, a organização liderou uma grande mobilização de arrecadação e distribuição de doações para o Estado, representando a solidariedade nacional com os gaúchos.

DEISE FALCI
Protetora animal com atuação nos resgates e na concepção de adoção. A balança radicado no RS atuou na linha de frente, auxiliando animais abandonados que ficaram para trás quando os tutores preferiram deixar suas casas.

DRENAR RS
O Drenar RS reúne Federações, produtores, entidades e empresas que usaram bombas de lavagem de arroz para fazer a retirada da água. O aeroporto Salgado Filho foi um dos locais com o apoio da iniciativa.

VALDO BECKER E PEDRO TUCHTENHAGEN
Os dois atletas do remo decidiram se juntar às equipes de resgates durante a enchente e atuar no voluntariado em alagados. A dupla deixou de disputar o pré-olímpico para ajudar as vítimas.

INSTITUTO DE PESQUISAS HIDRÁULICAS (IPH)
O IPH teve atuação destacada durante a inundação, realizando diagnósticos e diagnósticos sobre a elevação de rios e auxiliando em ações contra a tragédia climática.

MARTELO SOLIDÁRIO
Iniciativa do Sindicato dos Loteiros Rurais e Empresas de Loteio Rural do RS (Sindler) para realização de lotes com foco em arrecadação em prol das vítimas da inundação.

MEU LAR DE VOLTA
A plataforma digital conecta pessoas que precisam de ajuda e voluntários que querem auxiliar em faxinas solidárias em casas e estabelecimentos afetados pela inundação. Em uma das ações, o grupo reuniu cerca de 2 mil pessoas.

RECONSTRÓI RS
Criado pelo Instituto Ling, com a Federação e o Instituto Cultural Floresta, o Reconstrói RS é um fundo de arrecadação com foco em obras de recuperação da infraestrutura nas regiões afetadas.

SUPERACÃO AGRO RS
Mobilização de Semar RS, Farsul e Fetag RS para apoiar a recuperação de produtores e trabalhadores rurais, o Superacão Agro RS é uma ampla ação para reconstruir e recuperar a agricultura no Estado, afetada pela catástrofe.



Projeto Drenar recebe o Troféu Solução da Farsul



Homenagens pelo trabalho realizado





Agropecuária Canoa Mirim

Empresa agrícola que tem como principais atividades a produção de grãos e sementes de arroz, soja e milho. Além disso, produz pecuária de alta qualidade, no ciclo completo e genética de Hereford e Braford.

Sediada em Santa Vitória do Palmar, atualmente produz numa área de 37 mil hectares, com muito investimento em pessoas e em sustentabilidade. Além de fornecer moradias de boa qualidade aos seus colaboradores, conta com uma importante infraestrutura de escolas, posto de saúde e áreas de vivência. Investe, de maneira importante, em estradas do interior do município para melhoria do acesso e logística das pessoas e produtos agropecuários.



Coragon Agropecuária

Empresa rural, de produção agrícola e pecuária, iniciou atividades em março de 2017, em Jaguarão. A empresa é

11. EMPRESAS DOS VOLUNTÁRIOS CRIADORES DO PROJETO DRENAR RS

formada por gerações de famílias que produzem alimentos. Atualmente, investe na produção de soja e arroz irrigado e na pecuária com ciclo completo (cria, recria e terminação), nos municípios de Jaguarão, Arroio Grande, Herval e Bagé.

Com foco no crescimento sustentável, a Coragon vive comprometida com o sucesso do agronegócio. Investe muito, também, no desenvolvimento de pessoas, através de diversas ações que buscam a satisfação dos seus funcionários, gerando emprego e renda nas regiões da Campanha e Sul do Rio Grande do Sul.



Expoente Agronegócios

Fundada em 1996, a Expoente tem no arroz o seu principal produto. Uma empresa familiar, tem hoje duas gerações da família na gestão dos negócios. A matriz está localizada na cidade de Pelotas, região sul do Rio Grande do Sul, principal estado produtor de arroz no Brasil, responsável por 70% da produção nacional e onde se situam as maiores indústrias de beneficiamento do grão.

Atua na produção de arroz, soja e gado e na comercialização de grãos no mercado interno e externo. Produz ainda variedades especiais de arroz para culinária *gourmet*, abastecendo as principais marcas brasileiras.

Em parceria com uma trading americana, é responsável

por boa parte da exportação do arroz brasileiro, já tendo exportado mais de 100 navios, que equivalem a mais de três milhões de toneladas de arroz.



GEBRAS - Grupo Energia do Brasil

Há duas décadas de atuação no mercado nacional com excelência, comprometimento e credibilidade, disponibilizando sua expertise em soluções diferenciadas em Instalações & Utilidades, Projetos de Instalações, Gestão de Energia e Fontes Renováveis.

A GEBRAS atua em todos os Estados do território brasileiro, com seus mais de 150 colaboradores, oferecendo soluções completas em engenharia e gestão de energia para os seus mais de mil clientes.

O Grupo GEBRAS tem, no seu portfólio, o atendimento a demandas em diferentes setores, como construção civil, agronegócios, indústria, comércio, prestação de serviços, empreendimentos e incorporações imobiliárias, óleo e gás, e mineração. É, hoje, uma das maiores gestoras de energia para o agronegócio brasileiro.



Infosafas Sistemas Agrícolas

Localizada em Pelotas, a empresa trabalha com projetos de irrigação e drenagem. Conta com equipe de profissionais qualificados e preparados para atender a gestão hídrica do agronegócio. Desenvolve também projetos de taipas, macrodrenagem e pivô central.

Além disso, trabalha também com tubulações para adutoras e drenagem de lavouras.



WR Assessoria Agrícola

Com mais de 10 anos de experiência no mercado e *know how* sobre drenagem e irrigação, a WR Assessoria Agrícola leva tecnologia, inovação e informação aos clientes através de uma equipe de profissionais altamente qualificados para elaboração de projetos dimensionados exclusivamente para cada propriedade, por meio de soluções personalizadas para cada necessidade.

Com a WR, é possível desenvolver soluções e estratégias específicas, relacionadas com o manejo das águas nos campos. De olho no futuro e no desenvolvimento do agronegócio, a empresa busca projetos, ideias ou serviços que agreguem soluções para o setor.

Agradecimentos

Produtores que emprestaram bombas em pelotas

Arrozeira Pelotas - Dilnei Portantiolo (Fanta)
 Estância Boa Vista (Eduardo E Rafael Prates)
 Granjas 4 Irmãos - Jorge Iglesias
 Granja Mangueira Agropecuária - Fernando e Cristina Ribeiro
 Estância da Graça - Gustavo Ayub Lara
 Estância da Várzea - Fernando Rechsteiner
 Granja Santa Vera / Capão Redondo - Carlos Alberto Iribarrem Junior
 Estância Caporóroca - Eduardo Burk Costa
 Metalúrgica 4 Irmãos - Camaquã - Fernando
 Agropecuária Canoa Mirim - Lauro, Marcio, Stephania, José Luis
 Fazenda Expoente - Jair e Guilherme Silva

Gerador e frete envio e retorno para Pelotas

Sementes Formosa - Sergio Giuliani

Tratores

Alvorada - John Deere

Fretes de bombas

Alvorada - John Deere
 Taim Aeroagrícola - Alan Poulsen
 Puro Grão - Giancarlos Silva / Ricardo Lorenzetti
 CMC Máquinas Case - Charles Barcellos

Polisul Agrícola - Valtra/Fendt - Vinicius De Bona
 Sotrima - Massey Ferguson
 Pilotos Privados Aeroporto Salgado Filho - Balzani, Zancan e outros.

Elétrica

CCM Automação - Rogério Goulart
 JJ Motores - Cesar Schuch Gebras

Diques

Idealiza - Fabiano de Marco

Apoio geral

Garanto - Felipe Levien - Nataniel Pinto
 Fernando Estima
 José Luis - Canoa Mirim - auxílio bombas e coordenação bags e sacos com Exército
 Exército Brasileiro
 Prefeitura de Pelotas
 Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas (Sanep)
 Fabio Arduim - Arduim Refrigeração
 Jones Ferreiro
 Porteira Adentro - Eduardo Muñoz e equipe
 Infosafra
 Arrozeira Pelotas
 WR
 GEBRAS
 Engenho Casarin

Domingos Casarin e Cia
 Porto de Pelotas
 Irmãos Jouglard
 ACTEC Tecnologia e Conectividade
 Tomasetto Engenharia
 Barros Eletro Motores
 Kajá Transportes
 Terraplenagem Monteiro & Rocha
 Agência da Lagoa Mirim - Gilberto Colares
 Massey Ferguson - vídeos de apoio
 Brigada Militar do Rio Grande do Sul
 5º Batalhão de Polícia de Choque da Brigada Militar
 Padaria Guimarães
 Corpo de Bombeiros Militar do RS
 Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
 Miguel Medina, engenheiro
 CEEE Equatorial
 Real Máquinas
 Parafusos Fagundes

Novo Hamburgo - São Leopoldo
 Grupo Ceolin - Joel Michelotti - Angelo e Estevão Ceolin
 Prefeitura de Novo Hamburgo - Fátima Daudt
 Prefeitura de São Leopoldo
 Batalhão de Uruguaiana - 10º Batalhão Logístico - Alegrete

Porto Alegre
 Instituto Caldeira - Pedro Valério
 Eduardo Lorea (Numerik)
 Silvio Frison
 Grupo Instituto Floresta
 Carolina Ribeiro - Cooperativa Arrozeira Extremo Sul
 Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz)
 Anderson Belloli - Federarroz
 Sementes Cavahada - André e Alexandre Velho
 Agrimec Implementos Agrícolas
 Aud Camaquã - Celso Bartz - Fernando Barreto - Alexandre
 Fortral New Holland - Frete bombas Camaquã
 Buchaim - Santalucia - Paulo Fonseca
 Frete Bombas Camaquã - Fortral
 Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga)
 Daniel Jaeger Gonçalves da Silva - Coragon
 Claudio e João Tavares - Tapes
 Quero-Quero Agro
 Tomasetto Engenharia
 Instituto John Deere
 SLC Agrícola - Revenda John Deere
 Menegaro - Revenda Jd Santa Catarina
 Sotrima - Tratores
 Paulo Hermann
 Prefeitura de Porto Alegre
 Departamento Municipal de Água e Esgoto de Porto Alegre (DMAE)

Equipe Fieldcrops - UFSM

Fraport

9º Batalhão de Infantaria Motorizada do Exército

Polícia Rodoviária Federal

Corpo de Bombeiros Militar do Rio Grande do Sul

Batalhões do Exército da Capital

Irrigamaq

4T Construtora

Força Aérea Brasileira

Todas as pessoas que se dedicaram ao projeto de drenagem. Entre eles, voluntários e voluntárias anônimos que preparam e doaram alimentos e refeições; e civis e engenheiros que levaram e encheram sacos e *bags* para ajudar no combate às enchentes.

E um agradecimento especial a todos os arrozeiros e empresários do setor que ajudaram a combater a enchente

Obrigado!

“Eu faria tudo outra vez”!

Essa foi uma das frases mais repetidas pelos voluntários do **Projeto Drenar** durante as entrevistas que deram origem a esse livro. Os desafios do voluntariado (e são muitos!) ficam em segundo plano. A preocupação com o bem-estar do “outro” é maior e mais forte.

Em maio de 2024, a resiliência do povo gaúcho ficou ainda mais evidente. Suportar o problema e dar a volta por cima foi necessário para encarar a maior tragédia climática da história do Rio Grande do Sul. Em todos os cantos, surgiram histórias de superação.

O **Projeto Drenar** apareceu como uma força extra e, ao mesmo tempo, essencial para escoar a água da chuva. Os arroteiros que organizaram o grupo, acostumados a plantar debaixo d’água, mostraram que sabem drenar também para cultivar a esperança.

DRENAR

A FORÇA VOLUNTÁRIA
QUE ENFRETOU AS ENCHENTES NO SUL

O mês de maio de 2024 mudou para sempre o destino de milhares de famílias gaúchas com uma enchente devastadora de efeitos profundos.

Mas a catástrofe climática, a maior da história do Rio Grande do Sul, revelou também a força do povo gaúcho. A solidariedade se fez presente de forma impressionante em diversas ações. Este livro conta uma delas.

Em Porto Alegre, Pelotas e Novo Hamburgo, um projeto criado em tempo recorde uniu pessoas e equipamentos com um só objetivo: combater os alagamentos.

A ação de seis empresários do setor arrozeiro e de serviços ao agro fez sucesso.



LEGADO
HISTÓRIAS DE VIDA